

[CONTOS E CRÔNICAS]

HISTÓRIAS DO POVO DO MAR

José Carlos Muniz

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Paraná 

tel
ara
nha 

Histórias do povo do mar

José Carlos Muniz

© José Carlos Muniz, 2025
© Biblioteca Pública do Paraná, 2020

Coordenação editorial: Bárbara Tanaka e Guilherme Conde M. Pereira
Normalização de originais: Juliana Sehn
Diagramação: Telaranha Edições
Arte final: Manoela Gonçalves Haas
Revisão: Guilherme Conde Moura Pereira
Comunicação: Hiago Rizzi

PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ,
COM RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA – GOVERNO FEDERAL.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Muniz, José Carlos
Histórias do povo do mar / José Carlos Muniz. – Curitiba, PR: Telaranha, 2025.
– (Outras palavras)

ISBN 978-65-85830-29-4

1. Romance brasileiro I. Título II. Série.

25-269015

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira B869.3

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

TELARANHA EDIÇÕES
Rua Ébano Pereira, 269 – Centro
Curitiba/PR – 80410-240
(41) 3220-7365 | contato@telaranha.com.br
www.telaranha.com.br

Impresso no Brasil
Feito o depósito legal

1ª edição
2025

A BELA ADORMECIDA NO BOSQUE,
ONDE NADA DE NOVO ACONTECE
•5•

O ROBALÃO DO SACI
•21•

A VIOLA BENZIDA POR
SÃO GONÇALO
•33•

O BICO TORTO DA POMBINHA
DO DIVINO QUE NÃO GOSTAVA DE
FANDANGO
•55•

A BELA ADORMECIDA NO BOSQUE,
ONDE NADA DE NOVO ACONTECE

Era uma vilazinha, destas muito distantes de tudo que se conhece; ainda nem estrada de acesso tinha. Longe mesmo, diziam que ficava “pra lá de onde o vento faz a curva” e alguns dos moradores e dos poucos visitantes que a conheciam ainda assim acreditavam ser ela o paraíso na terra, ousavam, inclusive, chamá-la de “A Bela Adormecida no Bosque”; somente em uma coisa todos ali concordavam: nada de novo acontecia naquele lugar.

Uma velha história, espécie de mito de criação, contavam sobre a criação daquele ermo lugarejo; falavam de um certo deus, Netuno parece que era o nome deste, e que teria criado tudo aquilo para seu desfrute e descanso, após ter cumprido sua exaustiva jornada de criação do mundo e, ao final desta, nem um cantinho sobrar para repousar. Foi aí que juntou suas últimas forças e criou aquela simpatia esverdeada, incrustada na Mata Atlântica.

Sendo sua criação obra desse deus ou não, o certo é que bonita toda a região é mesmo, mas o quão difícil é pra se chegar lá, não dá pra mensurar. Ao menos assim fica protegida, preservada. Sorte mesmo parece ter o povo que nasceu

e mora por lá, pois, cercada por mar e mato, há peixes frescos a qualquer hora do dia, caça em abundância e uma brisa fresca na porta de casa, além, é claro, de água fresquinha, fresquinha, bem pertinho, logo ali.

Todo dia se ouvia, ecoando, o grito do velho Tonho:

– *Olha o congo. Conguinho fresco!*

Era a certeza de uma boa pescaria. Balaio cheio de bagre amarelo. Tanto tinha que até anunciava pelas estreitas ruas da Vila, trocando com mandioca; um quilo de bagrinho por um cacho de banana; por um saco de farinha ou um pouco de cará de espinho. E sempre anunciava:

– *Amanhã vai ter mais.*

O povo daquela Vila era assim, simples. Não aprenderam muito dessa tal ‘modernidade’, coisas da Cidade Grande. Viviam mesmo em paz e harmonia com o verde, respirando ar puro e sem precisar de muita tecnologia, a não ser a que eles mesmos inventavam para seu dia a dia.

O pescador Miguelão, de tanto camarão que pescou em sua vida, atinou-se nuns pensamentos e começou a entralhar uma rede esquisita, diferente daquelas que se usavam por ali, mas não é que servia que uma belezura pra pegar camarão. Gerival foi o nome que deu pra seu invento, e todo mundo na redondeza começou a perguntar como ele inventara aquilo, aprenderam a fazer. Melhorou muito a pescaria de camarão pra todo mundo e, assim, dessas coisas do mar e do mato aqueles pescadores sabiam e muito bem, até ensinavam.

Quando sobrava camarão, tinham que levar na cidade grande. Era até perto. Umas 10 horas remando, a favor da maré, é claro, e com vento favorável também; quando ventava muito e era perigoso demais para atravessar a baía, tinham que dormir na casa de algum parente.

Numa dessas idas, Déco levava arroz que havia colhido num mutirão recente e, após repartir com a vizinhança, ainda sobrara uns 50 quilos pra venda. O negócio foi bom na cidade e quando remava, já na volta, cantarolando a cada pá de

remo n'água, chamava a atenção de todos os compadres e vizinhos, até mesmo do irmão Jacó, que sabia o que o caçula queria trazer pra Vila, e como comentara da novidade que Déco buscava comprar. Pronto, a curiosidade tomou conta de todos, se aglomeravam no porto quando a canoa aportou, mas logo veio a decepção, pois Déco não trazia nada além de um pequeno embrulho debaixo dos braços. Se entreolharam, desconfiados e logo se animaram novamente, pois o remador faceiro que chegara anunciou que à noite ia ter baile em sua casa, mas como não viram fandanguero nenhum chegar, olhavam o furado e nada de embarcação no mar, se perguntavam:

– *Como baile, sem fandanguero? O que será que tinha naquele embrulho, tão bem embrulhado que Déco carregava?*

Mas ninguém ousou perguntar e, como percebendo a curiosidade, Déco adiantou:

– *Vai ter um baile. Mas não vai tem fandanguero.*

Tava feita a coisa. A curiosidade foi tanta que teve gente que nem foi embora se lavar, se arrumar pro fandango. Ficou por ali mesmo pra ver se descobria que tipo de baile era esse, sem fandanguero, e passada a hora da Ave-Maria, quando escurecia, a candeia clareava o caminho e a vizinhança vinha em peso pra casa de Déco; se puseram a reparar que no banco onde deveriam sentar-se violeiro e o rabequeiro, estava o embrulho que trouxera da cidade.

O dono da casa, portando uma sacolinha, pediu apenas que fizessem um pouquinho de silêncio; retirou algumas pilhas, daquelas grandes, desembulhou e, colocando as pilhas, anunciou:

– *É um rádio, minha gente.*

Nem deu tempo de perguntarem “sobre esse tal de rádio” e a caixinha que come pilhas começou uma cantoria; imediatamente Déco atravessou a sala da casa, estendeu a mão a Jurema e formaram o primeiro casal a dançar uma moda ouvida no rádio de pilhas e dali em diante só se ouvia o arrasta pé no assoalho.

Todo final de semana era a mesma coisa pela redondeza. Num primeiro mês, Déco era convidado pra ir em todas as casas, mas passados uns meses a Vila já tinha três ou quatro radinhos de pilha, chegando à ocasião de ter dois bailes na mesma noite; numa dessas, o sortudo foi Gersinho, desanimado que estava, pois chegaram apenas umas três pessoas na sua casa e, de repente, encheu de gente, após ter acabado a pilha do rádio na casa de Felício, onde também havia baile. Gersinho acolheu todos.

O último violeiro Nicanor já nem afinava a viola mais; quando foi na cidade, voltou de lá com um rádio também e era mais um a disputar os sábados na Vila. E não bastassem os bailes, era jogo de futebol, era noticiário, eram programas musicais, modas caipiras que embalavam a conversa. E o tempo parece que passava mais divertido naquelas bandas.

Uma vez, Déco ouviu no noticiário das seis que o mundo estava prestes a acabar. Era uma profecia de um grupo religioso; o mundo não acreditou, mas a notícia se espalhou e chegou na Vila. Déco contou pra Narcinda, que riu dele e ainda o chamou de bobo. Mas ele não duvidou, espalhou a notícia. E tava feita a confusão.

Quando anoiteceu, nem bem a criação se aprumava no poleiro, já se amontoavam umas três, quatro pessoas no terreiro de Déco.

– *Será que vai dar a notícia do fim do mundo de novo?*, se perguntavam.

Naquela noite não deu, mas na outra, sim. E era verdade, pelo menos todo mundo ouviu no rádio e quem não esteve lá ouviu certamente Tião sair gritando pelos caminhos que ia acabar o mundo e que não queria morrer.

Fato é que noutro dia Benício nem se despediu da turma, pois cedinho embarcara um baú com um pouco de roupas, um facão na cintura, chamou seu cachorro Mancebo e partiu. Depois ficaram sabendo que tava fugindo do temido fim do mundo e ia subir o morro, lá pras bandas do Rio dos Patos. Não voltou mais.

Na Vila mesmo, os que ficaram trataram de rezar um terço, mas como o velho Capelão Janjão nem mesmo queria sair de casa, pois já tinha ouvido dizer que a escuridão ia consumir a visão de todos e, como não queria correr o risco de ficar cego, trancou-se no seu rancho. Só ouviam suas rezas e orações e o povo, como não sabia recitar as orações em latim, tratara de improvisar algumas orações, e em meio a um *Padre Nostro* e outro, a conversa acerca do suposto fim do mundo tomava conta da reza e era o assunto principal.

Já era alta da noite quando, emocionados, todos se despediram, afinal, um outro dia, pelo menos conforme tal crença que ouviram no rádio, não mais existiria e o sol não nasceria dali em poucas horas.

Déco foi até o quartinho, acordou o velho Tiburcio que estava deitado na tarimba e lhe pediu a benção. Era seu avô, de idade avançada, que ouvira tudo aquilo e nem ligara, pois para ele era tudo bobeira dessa gente, como resmungava a todo instante pelos cantos, mas ninguém lhe dava ouvidos. Percebendo o neto emocionado, numa espécie de despedida, o velho, desta vez, o repreendeu:

– *Tudo bobagem isso dae, meu filho. Tudo culpa desse aparelho ae que você trouxe.*

E contou da sua época de criança, quando também tinham espalhado boato igual, o suficiente pro povo todo ficar o dia inteiro trancafiado dentro de casa, e quando resolveram sair, desacreditando, viram uma enorme bolha no céu, cobrindo sol, escurecendo o clarão do dia. Apavorados, dizia Tiburcio, ficaram uns três dias sem sair de casa, trancados dia e noite, e, pra surpresa deles, apareceu um comerciante da cidade por aquelas bandas e, como foi de casa em casa vendendo seus produtos, perguntava-lhes se acaso tinham visto o dirigível passar pelo céu há uns dias atrás. Saiu rindo de todos ao saber que o povo pensou que era o fim do mundo e chamaram o balão de “bolha”. Então, o ancião Tiburcio não acredita nesse novo fim do mundo.

Em umas casas se ouviam choros, em outras, soluços e lamentos. Orações em todos os cantos. Era o tão temido dia do fim do mundo, como Déco ouviu no seu radinho e como confirmaram Nicanor, Eusébio, Fagundes e outros que também ouviram no rádio tão triste notícia e espalharam pela Vila toda.

– *Meu Bom Jesus*. Gritavam todos.

Pasmem, pois, para tristeza de todos, naquele dia o sol não nasceu. Já se passavam algumas horas da manhã do novo dia, o galo já tinha cantado e o sol não surgira no horizonte como fazia há milênios. Dentro das casas, apenas a luz das velas acesas.

O velho Tiburcio foi até a porta e, antes mesmo de puxar a trinca, foi repreendido e segurado pelo neto. Não poderia, pois caso contrário, todos ali ficariam cegos com a escuridão, e Déco fez questão de repassar o aviso nos mínimos detalhes, da mesma forma como ouviu:

– *Se alguém bater na porta, pelo amor de Deus, ninguém abra. É a morte procurando quem levar.*

O jeito mesmo era permanecer daquele jeito, em oração, e até mesmo o velho Tiburcio chegou a se assustar com a escuridão lá fora, em pleno dia, mas tratou de voltar pro seu quarto e, sem que ninguém percebesse, começou a rezar também. Nunca tinha visto aquilo.

Passados uns minutos, trinta e poucos, por aí, alguns raios de sol começaram a brilhar, surgindo no horizonte, e as frestas da casa transpassavam a claridade e o calor do astro maior, o suficiente pra Tiburcio levantar dizendo já ter dormido o bastante e que ia pra fora de qualquer jeito, pois já tinha visto o sol nascendo pela parede de seu quarto. Déco resolveu, então, ligar o rádio no noticiário da manhã, e a notícia era aliviadora, em claro e bom tom:

– *Sucesso mundo afora, compartilhada por milhares de pessoas a emoção de terem visto o último eclipse do sol do século.*

Quando Tiburcio abre a porta, sol a pino no terreiro, esbravejando, vai descendo as escadas da casa de madeira:

– *Eu não falei pra vocês, gente boba.*

E aos poucos foram se ajuntando uns e outros no porto, pertinho do rancho de guardar as canoas; até o Capelão apareceu, agradecendo a intercessão Divina e que nada havia acontecido com eles. E davam risadas de todos os detalhes.

Até moda de fandango virou. Nicanor andou contando que fez uma moda com a história do fim do mundo, coisa que ninguém nunca ouviu, e mesmo tendo meio que abandonado o instrumento artesanal depois que comprou um radinho, às vezes afinava sua velha viola e soltava um verso da moda do fim do mundo:

QUEM DEVIA ATÉ PAGOU / QUEM BRIGOU,
SE PERDOOU
MAS O MUNDO NÃO ACABOU / NOUTRO DIA O
SOL RAIU.

E sempre aparecia um dizendo ter ouvido no rádio uma notícia acerca do fim do mundo, de terremotos, de maremotos, e na Vila era a maior confusão. Certa vez, o velho Capelão ouviu e jurava que realmente tinha acabado mundo, pois a novela falara que havia morrido o Prefeito, o Delegado, o Sacristão, o padeiro e até o Padre, num tal lugar chamado Antares, e dessa forma o medo continuava pela cercania da velha e pacata Vila, onde nada de novo acontecia.

O assunto agora, que tomava atenção de todos, era acerca da nova notícia que o rádio trazia aos moradores:

– *O Governador prometera até o final do mês instalar a tão sonhada energia na Vila.*

E era motivo de alegria, para alguns ao menos, tendo em vista que o radinho consumia oito pilhas por vez e num só baile era de dezesseis a trinta e duas pilhas. Não dava pra aguentar tamanha despesa, e sem contar que poderiam conservar os peixes por mais dias sem depender somente de secá-los ao sol.

Dizia o Governador, na rádio, que dia desses apareceria na Vila e daria fim à escuridão do século passado, trazendo a novidade do milênio para aqueles eleitores. Mesmo sem nunca terem visto uma lâmpada acesa, ficavam todos a imaginar como seria e o que mudaria por ali com a luz. O velho Tiburcio, o Capelão Janjão, o octogenário Alcides e outros anciãos olharam desconfiados e balbuciavam entre si:

– Essa história de luz. Luz é o lampião e o liquinho que dão, não precisamos de mais nada de luz.

Seria igual ao liquinho? Alguns diziam ser a mesma coisa que a candeia. Será? Será que precisava de querosene também? Dúvidas e questionamentos que todos os dias se ouvia pelo portinho. Uma das certezas, conforme a criançada, era que não precisavam mais dormir cedo, pois poderiam ficar em claro até mais tarde. Maneco Libório espalhava a notícia, que ouviu dizer, de um homem lá pros lados do norte que ficara cego com a claridade que a luz trazia à noite. Imaginavam de tudo um pouco.

A movimentação chegara uma semana antes na Vila e, ninguém havia pensado nisso, mas os funcionários da obra vieram na frente, claro, e, além de limparem as trilhas, construíram uma casinha para abrigar estranhas máquinas de onde puxavam fios e ligavam em algumas casas, principalmente na igreja, na escolinha, ainda prepararam um palanque para as autoridades e não se cansaram de espalhar coisas fantásticas da tão falada luz. Diziam que era possível ver a novela que até então apenas ouviam no já velho radinho de pilhas.

Déco se interessou até em vender seu rádio e comprar, quem sabe, uma televisão 14 polegadas, dizia contente para todos, pois o Serjão, funcionário que veio para trabalhar nas obras, dizia ter um aparelho deste sobrando em sua casa e, quando voltasse à cidade, certamente traria a primeira televisão pra Vila. De prontidão Déco lhe prometeu camarão e pescadinha, além de certa quantia que já guardava há algum tempo; sempre pedia para que lhe contasse mais sobre a televisão:

– *Como eram os filmes?* E quando Serjão lhe falava dos bang-bang, ficava a imaginar e tinha medo dos tiros, mudava a imaginação para os filmes de guerra ou de luta, que sempre acabavam em tiros e, como ficava com medo, sacudia a cabeça, buscando outros pensamentos.

E o tão esperado dia chegou, pelo menos já se faziam uns três dias que os 'home' foram embora da Vila, deixando tudo pronto e nada da luz chegar. A noite continuava numa escuridão só e assim foi até que o Governador se recuperasse de uma certa indisposição e, enfim, marcou a viagem para a inauguração. Desta vez algo de novo ia acontecer na Vila, todos acreditavam.

No desembarque das autoridades, o portinho estava quase vazio. Cheio de gente mesmo estava na casinha construída e que abrigava aqueles motores. Era dali que ia sair a luz e correr para as casas e o Governador empolgado com o discurso que preparara, teve que se dirigir para lá e discursar por lá mesmo:

– *Devo estar com meu povo.* Dizia naquele ato solene e rápido, pois foi só apertar um botão e pronto.

A reação não foi bem o que se esperava e os políticos notando a descrença, apertaram algumas mãos e pegaram rumo de suas casas. Uma barulheira tomou conta do silêncio que reinava na Bela Adormecida no Bosque e desta vez realmente acontecia algo, pois era ensurdecador aquele gerador movido a diesel que, junto com a tão sonhada luz, trazia tão incômodo som, espantando até as caças, pois nunca mais pegaram tatu ali por perto.

No primeiro baile que tentaram com radinho, agora ligado na energia, o barulho do motor era mais alto que os batidos dos tamancos, como nos fandangos de antigamente. E pra piorar quando deu dez horas da noite, tudo escureceu. O gerador estava programado para desligar aquele horário e como ninguém estava preparado com velas ou lampião e nem tinham pilhas para ao menos continuar o baile, aquele fim de noite foi uma confusão só.

Nem bem amanheceu na Vila e já estavam reunidos, discutindo e resolveram que iam mandar um recado pro Governador:

– *Ou dava um jeito naquela barulheira só ou retirava o gerador da Vila.* Estavam dispostos a voltar a viver sem a tão sonhada ‘energia’.

A resposta demorou para chegar, mas era positiva. O Governador prometera resolver a questão e dizia ser fácil. Problema é que demorou algumas semanas, meses; se acostumaram e quando, enfim, apareceram novamente as autoridades com a solução para aquele problema, não tinha mais problema na Vila. Mas como prometiam agora a luz elétrica e as obras já estavam bem adiantadas, não houve o que fazer. Só esperar.

Esperar e se desesperar quando finalmente foi ligada a luz elétrica. Seis horas da tarde, silenciou para sempre o gerador. O silêncio voltou à Vila e naquela noite ninguém dormiu.

Em vão, enviaram algumas vezes recados e tentaram noutras vezes desligarem a eletricidade, sob a alegação de não conseguirem mais dormir sem o barulho do gerador a diesel. Custou para se acostumarem, mas não tinha mais jeito. Não acreditavam que o Governo iria lhes atender, pois nunca acontecia nada por ali mesmo, como reclamavam.

A resposta do Governo veio como outra promessa:

– *Deixariam o século XIX e adentrariam a moderna civilização do século XX. O futuro vem aí. Está próxima o trecho final da estrada ligando a Bela Adormecida no Bosque com a Cidade Grande.* Onde o Vento faz a Curva seria ligada ao resto do mundo por uma estrada, ouviram no rádio, agora ligado a eletricidade. Era só o que faltava por ali, onde nada nunca acontece.

Uns eram favoráveis e até sonhavam com um quartinho a mais, uma pousadinha; vender um peixinho sem precisar remar até a Cidade Grande; enquanto outros se lamentavam pelo fim da calmaria. Ouviram até que a estrada traria um certo tipo de turista que era um ‘bicho’; por ali temiam tudo, inclusive os roubos que porventura viessem a ocorrer, coisa que na

pacata vizinhança não se ouvia dizer, até porque ali toda noite sumia uma galinha de algum galinheiro, mas sempre era culpa da raposa. Eita bicho safado e ligeiro.

No dia marcado para chegada de equipamentos para as obras da abertura da estrada, se aglomeravam no portinho da Vila. Ninguém tinha saído pescar. Todas as canoas estavam fundeadas ou varadas ou trepadas nos ranchos a beira da prainha e seus donos por ali, sentados, em pé, em grupinhos, curiosos, cochichando entre si; alguns aproveitaram e vestiram as roupas de domingo, pois viria o Governador e o Padre também, pois iria benzer as máquinas.

No horizonte singrava a embarcação, uma balsa enorme, trazia a bordo os maquinários pra abertura da tão sonhada estrada, e no porto, a emoção estava estampada. A criançada, eufórica, nunca tinha visto tamanho barco, e de ferro ainda, por ali não existia. O que trazia a bordo, sequer tinham ideia do que se tratava. Nunca haviam visto um carro, quem dirá um trator.

No momento do desembarque, o primeiro problema. Se não havia trapiche, como desembarcar um trator no portinho onde ficavam apenas as canoas daqueles pescadores? Parecia resolvido. Improvisaram um pranchão e, metidos na água, equilibrando-se em canoas, mesmo em meio à desconfiança de alguns, iniciavam o desembarque da retroescavadeira.

O Padre, desconfiado, resolver benzer o trator ainda sobre a balsa, mas foi interrompido pelo Governador, que discursou pedindo vivas para o progresso. E as vivas não se ouviam, apenas dos vereadores, pois o povo estava ansioso e nervoso com aquele improvisado desembarque. Não tinha como ser diferente, nem se o Padre tivesse terminado a benção.

Tchacum, foi inevitável. O trator despencou do pranchão e mergulhou no mar da Vila. Algumas toneladas indo ao fundo e deixando ainda o prejuízo de duas canoas quebradas, as quais o Governador dizia arcar com as despesas, porém, somente depois das eleições que se aproximavam. E sobre isso, o Inspetor de Quarteirão fazia questão de orientar a todos:

– *O Senhor Governador é candidato, hein, minha gente.*

A decepção tomou conta, mas os olhos das autoridades brilharam prometendo a solução em poucos dias. Somente os mais velhos, entre eles Tiburcio, comentando com Cermirão e Pedro Adão, sabiam o porquê daquela tragédia na Vila onde nada acontecia. Era a maldição.

Remetiam a um certo carnaval, em tempos passados, e à meia-noite da terça-feira para amanhecer Quarta-feira de Cinzas, quando todos guardavam o silêncio em respeito à quaresma, um grupo de foliões resolveu se fantasiar com vestes de padres e freiras e, portando paramentos religiosos, seguiam aquele que à frente carregava uma cruz, de onde dependuravam garrafas de cachaça, tantas quanto conseguiram tomar naquele entrudo. Quando o Vigário os viu, amaldiçoou a todos. E dizem que sobrou maldição até para a pobrezinha da Vila e por todos os tempos ainda. Era disso que lembravam e lamentavam aqueles anciãos. Nada ali ia pra frente; nada acontecia por ali.

Passada uma semana e meia, foi o tempo da construção de um trapiche na Vila e atracou por lá uma outra embarcação, com guinchos para pescar o trator fundeado, e, para surpresa de todos, já estava quase no barranco, pois os próprios moradores o amarraram com cipós e criaram um mecanismo, como se fosse uma moenda de cana, e a cada maré grande, esticavam o cipó e puxavam pouco mais acima a máquina; quando esta saiu completamente da água, com a ajuda dos guinchos, tiraram duas dúzias de ostras grudadas no tanque, mas com o motor danificado devido ao salitre, por isso, a balsa trazia uma máquina nova e, desta vez, mais um caminhão que, imediatamente ao desembarque, começaram a derrubar árvores e cortar morros. Era o fim do isolamento; era a estrada que ligaria a Bela Adormecida no Bosque ao mundo.

Pelo prazo de um plantio e uma colheita de mandioca, era trator pra cima, caminhão pra baixo; o trator era chamado, por ali, de caminhão também. Caminhão prá lá, caminhão pra

cá e a estrada já aberta. Já era possível ir de Bela Adormecida no Bosque até a Cidade Grande; quem sabe, dessa vez, com a estrada aberta, aconteceria alguma coisa de novo por ali.

Marcaram a inauguração. Era dezembro. O verão escaldava a todos; imagine aqueles que resolveram colocar calça social, paletó e gravata, acostumados que eram a vestir calçãozinho e blusa, com chapéu de palha, agora pareciam gente da Cidade Grande, pois era um dia festivo e importante; os anciãos apareceram e estavam contentes. Diziam que as autoridades iriam chegar num caminhão, do tamanho de um barco; todos estavam a imaginar como seria.

Festa na pracinha do Morro da Vila. Estouravam foguetes. Davam vivas à modernidade e o futuro que chegava. E na reta, em meio ao lamaçal, chegava o carro de apoio, logo chamado de “caminhão pequeno”, de onde desembarcou o motorista trazendo consigo o jornalista que iria cobrir o desembarque das autoridades.

Fotografando tudo e a todos, colheu alguns depoimentos, principalmente de Tiburcio, que admitia que por ali nada acontecia, mas estavam esperançosos na estrada.

A criançada fazia festa. Era uma correria só e a pequena Noemi, filha de Osíres, ainda em casa, apressava o pai para irem à pracinha, onde se reunia o povo da Vila e, da janela de casa, viu passar aquele que mais se parecia com um barco, e dos grandes, e com bastante gente a bordo. Não teve dúvidas. Saiu correndo atrás, em direção à pracinha do Morro e dizia ao pai:

– *Vou lá ver o Caminhão Bonito.* Era o ônibus que trazia o Governador e o prefeito da Cidade Grande e as autoridades.

O jornalista não teve dúvida. Virou manchete: *A Bela Adormecida no Bosque e a viagem do Caminhão Bonito.*

Daquele dia em diante, não se fecharam mais as portas da Vila e os visitantes começaram a chegar, descobrindo as maravilhas criadas pelo deus Netuno e que ainda estavam preservadas naquele lugar, e como por ali nada de novo acontecia,

os moradores mesmo sequer sabiam da tamanha importância que tinham, como os turistas diziam.

Déco teve que construir um puxadinho em sua casa e abriu uma mercearia, e vendia um pouco de tudo, de arroz a fumo de corda, velas e sardinha enlatada, produtos que trazia da Cidade Grande; Nicanor voltou a afinar a sua viola e, de vez em quando, ia na Venda de Déco e anoiteciam tocando algumas modas de fandango. Era por ali que se reunia o povo para passar as horas, quando não vinham as freiras e passavam filmes na pracinha. Era uma alegria só.

Tonho também abriu um comércio. Comprou uma “gela-deirinha” usada na Cidade Grande e começou a vender peixes, e quando não tinha comprador, remava seu batelão e, na cidade, era venda garantida, não tinha erro. E sempre deixava uns peixinhos frescos pra Durça fazer comida para os visitantes. A Bela Adormecida no Bosque agora era destino turístico.

A estrada logo vai ser asfaltada, disse, outro dia na rádio, o Governador, e o povo da Vila ficou apreensivo. Comentavam acerca do asfalto e os problemas que trariam, como lixo, drogas e bandidagem e outras coisas. Tiburcio dizia que tudo era a maldição que estavam fadados a receber, mas aqueles que não concordavam com o presságio do velho, riam e diziam que ia dar tudo certo, afinal, por ali nunca acontecia nada de novo, mesmo.

Estão a esperar o resultado das eleições e, se acaso o Governador for eleito, vão cobrar as obras do asfalto. E quem sabe dessa vez alguma coisa de novo acontece por ali.

O ROBALÃO DO SACI

Naquela vizinhança ninguém duvidava: o Saci existe mesmo. E quando perguntado a um dos mais velhos, que contasse algum causo sobre o 'bicho', já replicavam: "*Você acredita no Saci?*". Caso a resposta fosse positiva, o curioso já recebia um primeiro conselho: "*Olhe, não brinque, nunca brinque, nem duvide do marvadinho*". E bastava um pé de fogo pra que passassem horas, noite adentro, ao redor da fogueira, se aquecendo, e contavam inúmeras histórias de seus tempos de juventude, quando o Saci andava pela terra, fazendo suas peraltices.

E era uma dessas noites. O ranchinho com fogo de chão parecia um formigueiro. Estavam ali todas as crianças que moravam na vizinhança, pois era uma família só que morava no Porto Velho, então eram todos primos, sobrinhos, netos e uns poucos agregados.

Salgava o fogo, colocando mais lenha, o velho Pocidônio. Ancião naquele trecho; pai de Maneco, irmão de Dico, avô de Juquinha e das outras crianças, respeitado por todos. Dizia que o Saci gostava mesmo é de dar nó no rabo de cavalo e todos riam. Nisso, Maneco continuou:

– *Uma vez assustou todas as galinhas no quintal de Tia Teresa, né, Papai?*

O velho balançando a cabeça, concordou e emendou outra:

– *Olhe, nunca diga, se alguém te perguntar se ouviu o assobio do Saci; nunca diga que não ouviu.*

As crianças já se faziam assustadas, na escuridão que tomava conta da vilazinha, clareadas apenas pelo fogo dentro do rancho, e mesmo assim, encostadas uma na outra, sem querer demonstrar medo, arregalavam os olhos a cada nova história sobre o Saci.

Dico logo contou uma:

– *Uma vez, ele cantou no mangue e vovô perguntou pra vovó se ela tinha ouvido, e ela disse que não. Mas pra quê. A coitadinha levou lemarde de um grande susto. Pois não é que o bicho assobiou no ouvido dela. Vovó levou três dias pra poder ouvir de novo.*

E se imitar o assobio do Saci, ele vem atrás da gente, né, vovô, disse Juquinha, e os velhos concordaram balançando a cabeça e logo repreendendo Tunico que brincou imitando: “*Fim fim, Saci Saperê*”.

O velho Pocidônio, espalhando a lenha no fogo, que chega a levantar aquele braseiro, emenda uma jaculatória:

– *Lá vai a cruz, lá vai Jesus com seu terço de capiá.*

Dizia que aquela era uma rezinha para acalmar o Saci quando ele se atormentava a infernizar a vida da família, pois tinha noite, dizia:

– *Era cachorro latindo; galinha cocorecando no terreiro de noite; o barulho da balança na árvore, correntes se arrastando no terreiro. O ‘coisa’, quando quer atentar, meu Bom Jesus, não tem quem aguento.*

– *Ele gosta mesmo é de um bom fandango, né, papai. Mas como toca viola, o Saci. E quando Maneco começa a contar essa outra história, é logo interrompido por Dico que dissera ter visto o Saci uma vez com o seu irmão Pocidônio.*

A essa informação todas as crianças perguntavam: “*Como ele é?*”; “*Verdade que só tem uma perna?*”; “*O cachimbo*

dele fica aceso o dia inteiro?”; “Ele anda pulando ou voa?”. E, interrompendo as dúvidas que surgiam, Pocidônio arremata:

– *Vimos não. Nós ouvimos ele. Ninguém teve coragem de encarar o bicho.*

E Dico emenda:

– *Ainda tenho a cicatriz do espinho de brejaúva nos meus braços e nas costas.* E começa a contar da vez que foi pescar tainha com o irmão:

– *Era mês de junho, uma friagem só, né.*

Ao levantarem cedinho, dizia em sua história, ainda era escuro da madrugada, bem sabiam que iam passar o dia inteiro no largo, pescando, soltando e colhendo a rede, por isso trataram de atear o fogo e fizeram um café, bemquentinho, ao qual tomaram comendo uma farofa de farinha de milho, mexida com ovo e um pedacinho de tocinho que defumava, esticado sobre o fogo de lenha.

Com o barulho na cozinha, e ainda nem amanhecido tinha, Seu Manô acordou e foi até o fogão de lenha, impondo as mãos sobre os filhos que lhe pediram a benção:

– *Deus te abençoe.*

O velho Manô ainda dizia pra voltarem antes de escurecer, no fim da tarde, porque se aproximava um rebojo e era bom estarem por perto ou já em casa; a essa altura, os dois irmãos já estavam quase na porta de casa, saindo. Antes ainda, passaram no Rancho, pegaram os remos e, como a rede já estava embarcada, rumaram pelo caminho para a canoa de guapuruvu, não se assustando com a presença do cachorro Duque que os acompanhava.

A maré estava cheia e a canoa boiava no porto e, quando os dois estavam embarcados, se aprumando para começarem a remar, nem notaram que Duque havia embarcado também.

– *Passa, Duque,* dizia Pocidônio.

– *Sai, sai,* tentou Dico, mas a insistência foi em vão.

Então, começaram a remar, com o cachorro a bordo, e iniciava ali a pesca do dia. O sol já dava seus primeiros raios

quando os dois irmãos atravessavam o Baixio do Perigo rumo ao Peixe Preto, lugar conhecido por todos, de boa pescaria. Era lá que iriam tentar a sorte grande naquele dia e, chegando no dito lugar, Dico, de popeiro na canoa, a governava, dando rumo à embarcação, enquanto Pocidônio lançava a rede de calão no mar e, umas duzentas braças depois, rede solta, arinque e boias de marcação lançadas, bem sabiam que ganhavam algumas horas, até a maré encher de novo, marcando a hora de puxar a rede.

Nesse tempo, resolveram que iam varar a canoa no portinho do Pogoçá, ali perto, onde havia um velho ranchinho, lugar de abrigo para pescadores que passam a noite no mar. E assim fizeram, mas ao chegarem, nem bem vararam a canoa, Duque pulou na prainha do porto e já começou a farejar algo e, latindo, foi sumindo no mato.

– *É alguma caça*, disse Pocidônio.

– *É, se não tiver peixe, vai que levamos um tatu pra casa*, respondeu Dico.

Entraram os irmãos no ranchinho, atearam fogo e por ali esperaram as horas passarem; foram quase duas horas de espera, o tempo necessário para a rede andar, como dizem, e arriscarem a despesca, rumando, então, para a canoa e, ao mesmo tempo, assobiavam na tentativa de embarcarem Duque novamente, o que não ocorreu.

– *Duque. Duque, vem. Vem.* Assobiavam e diziam, mas nada do cachorro aparecer.

Dico ainda andou até um pedaço da trilha, mato adentro, e, voltando, disse ter ouvido os latidos, mas muito longe. Combinaram então de recolher a rede e, em seguida, voltar buscar o cachorro, assim, aproveitavam pra cortar um cacho de banana que Dico avistara pelo caminho.

Embarcaram e remos na água. Ao colherem a rede, pra decepção, estava ela praticamente vazia. Na verdade, dava pra contar uns três ou quatro peixes emalhados, mas estes serviriam pro almoço dos dois.

O quinhão pra levar pra casa, naquela redada, nada, por isso resolveram soltar a rede novamente. E assim fizeram, rede lançada, mas desta vez, remavam ao redor batendo com os remos na água e, dessa forma, espantavam os peixes que ficavam próximos ao barranco, numa tentativa de que fugindo se emalhem na rede. Algum tempo depois, de tanto baterem os remos na água, deitaram no fundo da canoa para esperar os peixes baterem na rede.

Nesse tempo, os dois cantarolavam, contavam piadas e assobiavam modas de fandango, assim, parecia que o tempo passava mais rápido.

Quando enfim resolveram recolher a rede, nova frustração tomou conta daquela que até então parecia ser a canoa da alegria, pois além de não ter peixe algum emalhado, a rede ainda veio com galhos de mangue que estavam no fundo, alguns pedaços de caliça, o suficiente para fazer rasgos enormes no pano da rede.

Se entreolharam os irmãos, desanimados, mas precisavam consertar o pano da rede e resolveram retornar ao rancho no Pogoçá e, após o almoço, combinaram, soltariam a rede de novo.

Era este o tempo também de procurarem por Duque naquele mato. E quando se puseram a remar de volta, o rancho parecia muito mais longe, o desânimo, então, foi tomando conta, mas não poderiam voltar pra casa sem peixes e com a rede rasgada, e, tão logo desembarcaram naquele portinho, Pocidônio tratou de costurar o pano de rede e Dico foi pra dentro do rancho, atear o fogo e preparar aqueles três ou quatro peixes que haviam pescado na primeira redada. Era um Parati, um Saguá e uma Savelha, ainda uma Caratinga.

Terminado a costura da rede, Pocidônio e Dico comeram aqueles peixes com um pirão de jacuva, pois encontraram um pouco de farinha e um potinho com sal guardados no rancho, o suficiente pra misturar com água fria; terminado, Dico novamente entrou no mato e, bradando, chamava o cachorro:

– *Duqueeeeeee*. Seu grito ecoava, mas nada de Duque latir ou dar qualquer outro sinal.

Foi quando Pocidônio o chamou para que fossem dar a última redada, e depois procurariam, mato adentro, o cachorro sumido. Desvararam a canoa do porto e foram, esperançosos, numa farta pescaria e, desta vez, decidiram estaquear a rede, pois a maré estava pra secar mesmo.

Chegando no melhor pesqueiro, fincaram então duas varas na boca do rio e em cada uma destas varas amarraram uma extremidade da rede, dessa forma, quando a maré secasse, os peixes que desceriam do rio ficariam todos emalhados em sua rede. E enquanto esperavam, voltaram ao Pogoçá a procurar Duque.

– *E foi nesse instante que ouvimos, né, Dico*, disse o velho Pocidônio, ao pé do fogo, chamando a atenção ainda mais das crianças que ali estavam, ouvindo-os.

– *Fim fim*, imitou Dico, dizendo terem ouvido o Saci cantar no mato, bem longe.

Lá no Pogoçá, Pocidônio esconjurou o bicho:

– *Vai-te pro fim do mundo, coisa*.

– *Mas antes, nos ajude a pegar muito peixe, que damos o maior pra você levar*. Disse Dico, em complemento ao irmão.

Nem deu tempo de pensarem naquilo que ouviram e falaram, Duque latiu no mato; seguiram os dois, então, os latidos do cachorro, que tinha acuado uma raposa, mas como era época de criação, não abateram a caça que estava com cria; seguraram Duque e retornaram pelo caminho até o porto, pois ainda tinham que ir ver a rede estaqueada e, pra surpresa dos dois, o tempo dava sinal de que ia estragar. Sabendo que tinham que voltar pra casa antes, se apressaram.

Já na canoa, a alegria tomou conta novamente dos dois, mas desta vez não tinham tempo nem para cantarolar, pois a rede pesava, exigindo muito esforço para recolhê-la, repleta que estava de peixes, “cumichando”, como diziam. Mas a cada braçada de rede colhida, o vento parecia que aumentava e o

tempo ficava cada vez mais escuro. Era sinal de tempo ruim, vento sul é rebojo.

O resultado daquela pescaria foi satisfatório e encheu a canoa de peixes, mas, novamente, era Caratinga, Savelha, Paratizinho. Tudo peixe miúdo; deu uns trinta quilos. Mas quando Duque começou a latir e os irmãos olharam o peixe que vinha emalhado na rede, logo também encheram-se de alegria. Era uma Robalão e devia pesar uns 18 quilos, pra mais.

Com todos aqueles peixes já dentro da canoa e a rede trazendo mais e, ao mesmo tempo, se enchendo de água, e o vento soprando mais forte, não tinham outra saída a não ser voltar ao rancho, no Pogoçá, e esperar que se acalmasse o tempo. Foi o que fizeram.

Desembarcando os três, os irmãos trataram de desmamar o resto dos peixes que ainda estavam na rede e, como o tempo não acalmava, pior, parecia vir uma tribuzana, foram os dois pra dentro do rancho, aproveitar que o fogo ainda estava aceso pra fazer um café, e mesmo se aquecerem. Já era fim de tarde e começava a escurecer, e parece que escureceu mais depressa do que nunca por aquela banda.

Ao redor do fogo, esquentando água, Dico dizia:

– *Ai, ai, ai. Já é tarde. Escureceu, veja.*

– *Pois, é. Papai deve tá é preocupado com nós,* respondeu Pocidônio enquanto assava um peixinho pra cada um, inclusive uma Caratinga pra Duque.

Os três ainda comiam quando sentiram uma forte rajada de vento que bateu a porta do rancho. Se assustaram os dois e Duque começou a latir. E a porta voltou a bater, dando vista da escuridão que já tomava conta do dia que antes raiava lá fora.

De tanto que Duque latia, Dico mandou que parasse, mas parecia que o cão pressentia ou farejava algo. Do lado de fora, os ventos se somaram à trovoada e o velho rancho parecia que sacolejava a cada rajada de vento; as folhas de guaricana que cobriam seu telhado de quase nada adiantavam; o fogo já dava sinal de se apagar com o vento e não tinham

mais lenha seca ali dentro, e eis que ouviram lá fora: "*Fim fim Saci Saperê*".

Se entreolharam Pocidônio e Dico.

– *Meu Senhor Bom Jesus*, disse Pocidônio.

– *O que tú foi fazer homem*.

O cachorro latia ainda mais, mas se ouvia bem um certo medo no ar. Dos latidos? Dos irmãos? Duque, mesmo latindo, se escondia atrás dos irmãos, e eis que Dico teve uma ideia:

– *Vou dar esse espinhaço de Caratinga que Duque comeu pro Saci. Vou jogar pra fora*.

E assim o fez. Jogou porta afora o espinho do peixinho que haviam dado pro cachorro comer e ainda disse:

– *Pega, Saci, prometi pra você. Pega essa Caratinga e se contenta*. E ria Dico.

Nesse instante, o vento começou a soprar mais forte e a porta da casa a bater com estrema força e ouviam arranhados na parede de pau a pique. Lá fora ouviam pintinho piando, cavalo relinchando e o barulhão de uma árvore caindo muito próximo ao rancho, e de novo um assobio: "*Fim fim Saci Saperê*". Nesse momento, Duque disparou porta afora, desaparecendo naquela escuridão. Foi em vão tentar chamá-lo.

Dico, vendo o que provocara, começou a pedir que o Saci se acalmasse lá fora, dizendo já ter dado o peixe que havia prometido, sendo interrompido por Pocidônio, que lhe mandara jogar o Robalão pra fora, como fora prometido, o maior peixe, mas o irmão não concordara, e novamente ouviram: *Fim fim*.

Nesse instante, a porta do rancho caiu e, tomado de pânico, Dico dá um berro, como se ouvisse o *fim fim* muito alto em seus ouvidos, e sai correndo, sumindo naquela noite escura, enquanto Pocidônio, perto do cesto de peixes que estava, passa a mão no Robalão e lança-o pra fora e, como se fosse um milagre, instantaneamente sentia o vento se acalmar, a chuva parar, até o fogo parece que reascendeu, e mesmo com a pouca claridade, percebeu que o rancho parecia estar do mesmo

jeito que estava quando ali chegaram e com a porta fechada. Lá de dentro berrava o nome do irmão na esperança de receber um sinal, mas nada de respostas.

Ali no pé do fogo, ele ficou em claro, sem pregar os olhos, passou a madrugada sentado, até raiar o sol, quando finalmente teve coragem de sair rancho e, pra sua surpresa, o terreiro, as árvores, tudo por ali estava como se nada tivesse acontecido, nenhum rastro do vendaval da noite passada. Ou o vendaval passou e não deixou destruição alguma? E a árvore que ouviram cair? Mesmo sem acreditar, ainda deu uns berros pelo nome do irmão, quando ouviu uma resposta no porto, mas era seu pai, Seu Manô, e seu tio Dorçolino, que chegavam a remo, pois, preocupado que os filhos não haviam retornado, o pai chamou o tio por companheiro e foram em procura de Pocidônio e Dico.

Ouvindo a história do filho, o velho Manô e o irmão Dorçolino se entreolharam e, quase que juntos, deram a sentença:

– *Meu Bom Jesus, o Saci pegou ele.*

Imediatamente entraram no mato a procurar Dico e mandaram Pocidônio que embarcasse em sua canoa e voltasse pra sua casa no Porto Velho e avisasse mais pessoas pra que fossem ajudar na busca por Dico naquele matagal.

Algumas horas depois, ainda antes do meio-dia, já eram umas sete ou oito pessoas com facão na mão e berrando pelo nome de Dico, e mais alguns cachorros, farejando e latindo lá no centro do mato. E os cachorros pararam e continuaram latindo, como se estivessem acuando alguma caça, mas tinha algo no chão.

Altevir, mateiro dos bons que também estava na busca, abaixou e pegou no chão, mas logo disse:

– *Não é nada. É só um espinho de Robalão.*

– *Meu Bom Jesus, esse espinho é do Robalão que eu joguei pro Saci, papai,* disse Pocidônio, e começaram, ele, o pai, o tio e os demais que ali procuravam, a chamar por Dico.

Ouviram, nesse momento, o Saci cantando ao longe: *Fim fim*, seguido de um gemido de agonia, mas este último som pareceu ser bem perto de onde todos se encontravam.

E ficaram tentando descobrir de onde surgira tal som. Em sua frente, apenas um pé de brejaúva; melhor dizendo, três pés de brejaúva que se entrelaçavam e, para um despercebido, parecia ser uma árvore só e parecia que o gemido vinha do meio dessas árvores espinhentas.

E os gemidos aumentaram e tiveram certeza que era daqueles pés de brejaúva que saíam, e trataram de tentar cortar a árvore e as facadas ecoavam naquela madeira forte e dura e foram mais três facadas pra quebrar o aço cortante. Foi quando Pocidônio, ainda com o espinhaço do Robalão nas mãos, se aproximou e percebeu que, magicamente, a árvore se contorcia e abria caminho na medida que aproximavam dela o espinhaço do peixe que o Saci comera.

Dessa forma, a muito custo, conseguiram retirar Dico do meio das árvores entrelaçadas; mas o coitado estava igual um porco-espinho, pouco dava pra se ver de sua pele, pra tantos espinhos que tinham em seu corpo.

– *Meu senhor, e como tiraram tanto espinho tio Dico?*, perguntou Cirzinho, jogando mais lenha no fogo, alvoroçando a curiosidade das crianças que ali estavam atentas.

– *Tiraram um pouco. Ainda me dói muito e nas noites de lua dói mais ainda*, responde o tio, acrescentando: *Ainda tenho até hoje espinho de brejaúva e marcas pelo corpo.*

– *E como é o Saci, tio Dico?*, curioso, perguntou Juquina, mas o tio não respondeu, pois nesse mesmo instante ouviram latidos lá fora do rancho e estranharam, pois os cachorros estavam todos deitados ali por perto e não latiram; pareciam não ouvir. Portanto, também não sabiam qual animal estava latindo naquela escuridão que já estava lá fora.

Para amedrontar ainda mais a criançada, Pocidônio conclui:

– *Esses latidos aí? Deve ser Duque; nunca mais achamos o bichinho naquele mato.*

Dico levanta, vai até a porta e berra pra fora:

– *Passa, Duque.* Assim, cessam aqueles latidos que ninguém sabia de onde vinha.

Nessa altura da noite, as crianças não queriam de jeito nenhum voltar sozinhas pra suas casas, tendo Maneco que levar uma por uma, deixando-as seguras em suas portas.

No pé de fogo, continuou apenas Pocidônio e Dico, na porta, a olhar pra fora, lembrando do velho amigo Duque. Dali, Dico, meio que se contorcendo, começa a dar uns gemidos tímidos, mas que demonstram sua dor, então vai até o cesto dependurado na parede e, colocando a mão dentro, retira algo. Era o espinhaço do Robalão, daquele mesmo peixe que o Saci comera, e como lá no mato serviu para retirar alguns espinhos de seu corpo, trouxera para sua casa.

Naquele rancho, com o irmão Pocidônio, Dico ainda permanece. Os dois a olhar para o fogo e as brasas ardentes, e Dico coçando suas próprias costas com o espinho de Robalão, tentando aliviar um pouco das dores causadas pelos espinhos de brejaúva que nunca mais conseguiu retirar. É sua sina.

A VIOLA BENZIDA POR SÃO GONÇALO

Trummmm, trummm, trummm e não é que parecia mesmo alguém tocando nas cordas da viola? Mas naquelas horas da noite? Impossível! E olha que a viola estava desafinada e virada com a boca para a parede, pois guardavam a quaresma e, nesse tempo, não tocam instrumento algum ou fazem Fandango Caiçara.

Trummmm, trummm, trummm. Esse foi o som que fez acordar Alzirinho, assustado com tal barulho em sua casa. Morava na vilinha de Utinga, distante uns 50 quilômetros da cidade, e ali era acessível apenas por trilhas em meio à mata, portanto, um povoado em quase completo isolamento; por essas bandas que aconteciam muitas coisas que sequer ouviram falar na cidade. E como sabiam de histórias.

Com o susto do marido naquela noite, a esposa Iraci também acordara e ficou assustada e intrigada, sem saber o que acontecia, ouviram pela terceira vez aquele som vindo da viola de Alzirinho, enquanto este, já sentado na cama, esconjura:

– *Ore viva, São Gonçalo.*

Pronto! O restante da noite parecia ser de um sono tranquilizante. Parecia, pois os filhos ouviram também o som das

cordas da viola, e quando o pai rogou pelo Santo, correram para o quarto dos pais, encontrando-os, juntos, sentados na cama.

Como nada foi dito ou esclarecido às inúmeras perguntas que surgiram dos filhos e da esposa, amedrontados e temerosos, resolveram que todos dormiriam ali naquela noite. Tentaram descansar um pouco, pois o pai dizia agora estar tudo bem e que nada os incomodaria mais naquela noite, portanto, tentaram dormir, ainda pensando no som das cordas da viola que ouviram.

Nem bem amanheceu direito na Vilinha e, com os primeiros raios do sol, Iraci já estava de pé, ateando o fogo, e iniciava assim os preparativos para o café da manhã; Antes mesmo de saudar a esposa com um “bom dia”, esta, ao ver Alzirinho, que acabara de levantar, logo o indaga:

– *Homem de Deus, homem! O que foi aquilo ontem à noite. Que barulho de viola foi aquele?*

O marido, bocejando e se aquecendo próximo ao fogão de lenha, apenas lembra que nada devem temer e afirma que naquele mesmo dia resolveria a situação, porém, notando a expressão nada satisfeita da esposa, confessa:

– *Foi minha violinha que tá na parede. O Saci que veio tocar.*

Nesse instante, tal notícia já tinha sido ouvida pelos filhos, que também já estavam de pé e se dirigindo para a cozinha. O mais novo Irineu e a menina Carminha. Foi um espanto para todos. Iraci, que passava água fervente para o café, a derramou na chapa do fogão de lenha, e os filhos, sem entendimento do que o pai falava, se entreolharam e, estendendo as mãos postas pedindo as bênçãos ao pai e à mãe, a mais velha indagou:

– *Como assim, Papai? O Saci que tocou?*

– *Mas essa não é a viola que Tio Nivaldo fez pro senhor, Papai?*, pergunta Irineu, desconfiado.

Iraci, já com o bule de café na mesa, o indaga a contar essa história direito, pois sua viola estava dependurada na parede e desafinada. E assim começou aquela manhã.

Alzirinho, que ganhara a viola recentemente do cunhado, havia a desafinado, explica, pois estavam na quaresma e, conforme sua tradição, dependurou-a com a boca para a parede. Foi interrompido ao questionamento enérgico da esposa:

– *E o que essa história tem a ver com o Saci tocando viola, Alziro?*

– *E meia-noite, ainda. E aqui em casa, ainda.* Eram inquietações e perguntas dos filhos também. Irineu mesmo, já sentando-se à mesa e com sua caneca nas mãos pronto a encher de quentinho café, chega a debochar da história:

– *O Saci tocando viola de meia-noite?* Risos dos irmãos.

– *Mas daqui a pouco vou levar ela na casa de Nivaldo e marcamos o benzimento da viola. Daí quero ver Saci algum mexer na minha violinha e do padrinho São Gonçalo,* dizia o violeiro Alziro, sendo ordenado pela esposa que logo fosse resolver aquilo.

Mas não tem mais problemas, afirmava o dono da casa, pois o Saci pode tocar viola três noites apenas durante o ano e, para curiosidade da família, explica que no dia 25 de março, na Sexta-feira Santa e no Dia de Finados o ‘tal’ sai tocando viola que não é benzida, nem apadrinhada por São Gonçalo; por isso precisava ir até o cunhado e tratar de benzer o instrumento, oferecendo-o ao Padroeiro dos Violeiros.

– *E se ela foi benzida, o ‘tal’ nunca mais toca nela, Papai?*, pergunta Irineu, recebendo como resposta positiva o balanço da cabeça do pai.

Tomavam seu café e, ao mesmo tempo, faziam uma contagem dos dias na cabeça e, como estavam no 25 de março, dentro de um mês ou mais chegaria a Sexta-feira Santa, portanto, deveriam tratar logo de benzer a viola, caso contrário, o instrumento poderia voltar a tocar em breve.

Iraci acrescenta, percebendo a curiosidade dos filhos:

– *De hoje até o Natal, são 9 meses; então hoje é o dia em que Jesus foi gerado na Santinha.* Vovô sempre dizia mesmo que antigamente não prestava caçar no dia de hoje.

– *Nem tocar viola; quem dirá fazer um fandango. Deus nos livre*, conclui o esposo Alziro.

Os filhos não entendem mais nada do que os pais falam na mesa do café; entre uma canecada e outra, as histórias ‘dos antigos’ vão surgindo, contando sobre as tradições que seguiam os antepassados e que alguns ainda acreditam e guardam. Mas mesmo entre os antigos havia aquele que descreditava de tudo. Foi o caso de um destemido caçador, que de tanto que andava no mato, recebeu até o apelido de “Selva” e, como seu nome era Francisco, todos por ali o conheciam como “Tico do Mato”.

No amanhecer de 25 de março, no tempo dos antigos, Tico do Mato sequer deu ouvido para o que sua mãe lhe falava sobre não caçar naquele dia. Carregou sua espingarda, juntou algumas munições a mais, umas vinte e cinco que conseguiu, assobiou para Furioso, seu cachorro companheiro de caçada, e pôs-se na trilha; parou umas três vezes para insistir nos assobios, pois o cão parecia não querer acompanhá-lo naquele dia, e sua velha mãe, na porta da casa, ainda repreendia o filho:

– *Você sabe bem, Francisco, que não pode caçar no dia de hoje. Volte pra casa, menino.*

Decidido que estava e destemido que era, esperou o cachorro passar à frente no caminho e desapareceram mata adentro, e entre os pássaros que cantavam naquela calmaria, ouvia-se as preces de Dona Mercedes, rogando proteção ao filho.

Pá. Ecoou um tiro na mata. Tico do Mato iscou, Furioso em cima, pois acabara de atirar em uma caça e certamente acertara. Para sua decepção, não foi o que viu, pois no exato lugar o alvejado não se encontrava, vendo-o pouco mais à frente.

– *Agora pego você, bicho*, dizia consigo mesmo, fazendo mira em um veado que parecia pousar em frente ao cano de sua espingarda.

Pá. Foi o segundo tiro, mas desta vez o bicho não caiu, o viu correr, mesmo na certeza de tê-lo acertado. Não acreditava naquilo, ainda mais quando ficou com a suspeita

que o animal o havia encarado e sorrido para ele. Devia estar ficando louco, pensou.

Mais uma vez, o veado pastando, parado na sua mira e pá. Terceiro tiro, novamente certo, e Furioso pôs-se a acuar o bicho, e quando Tico do Mato chegava no local, nada do animal abatido, vendo-o pouco mais à frente, a encará-lo, e parecia ainda estar sorrindo.

– *É, devo estar ficando louco mesmo. Devia ter ficado em casa,* comentou o caçador com seu cão.

E nessa mesma sequência foi sua manhã e sua tarde, correndo mata adentro atrás de sua caça, e a cada tiro disparado e a certeza de tê-lo abatido, para sua surpresa, não o encontrava, até que acabaram suas munições. Foram 25 tiros certos e nada de derrubar o bicho.

Para piorar, estava meio desorientado, pois havia saído das trilhas e, nessa corrida, passaram-se as horas, estava prestes a anoitecer e Furioso não o via já a algumas horas; ficou pensativo se acaso não tinha atingido o cachorro. Não sabia como voltar para casa e estava muito cansado, só lhe restava andar, porém, antes, resolve chamar pelo seu cachorro mais uma vez, alegrando-se ao ouvir latidos, muito próximo de onde estava.

Correu na direção dos latidos de Furioso e, avistando-o, também viu uma luz acesa em uma casa e uma senhora na porta. Era sua mãe Mercedes à sua espera e, Tico do Mato, sem entender, havia passado o dia todo correndo mata adentro atrás daquele animal, acabara perdido e cansado, quando, na verdade, estava em seu próprio terreno. Ficou desorientado e caiu.

Deu trabalho. A mãe teve ainda que chamar o outro filho Prudêncio para, juntos, levá-lo para dentro e aquecê-lo, e quando acordou, não sabia nem por onde começar a contar sua aventura fantasiosa. Seria fantasia? Se perguntava. Fato mesmo é que acertara 25 tiros 'em cheio' no animal e nada daquela caça cair, ainda o encarava e sorria para ele. Prudêncio, o irmão, rindo, foi saindo, e ainda lá fora, longe que ia, ouvia-se suas gargalhadas pelo caminho; dentro de casa, a mãe lhe repreendera:

– *Eu falei pra você não caçar em dia santo.*

E a notícia se espalhou pela Vila e Tico do Mato ganhou novo apelido por aquelas bandas: Tico 25 Tiros. Ou, como gostavam, faziam trocadilho: Tiro do Mato ou 25 Tico, ou mesmo Tiro 25 Ticos.

Passada a quaresma, guardado respeito, como a tradição mandava, anunciavam o fandango no Sábado-Aleluia, já meio-dia. Era um foguetório só e reunia-se por ali toda a comunidade. Dona Mercedes, seu filho Tico do Mato e seu outro filho Prudêncio, este violeiro dos bons, requisitado que era com antecedência pro baile, levava ainda sua esposa e seu filho Mauro Sérgio. Até Américo apareceu e com uma garrafa de Amargoso, oferecendo a todos a bebida que havia preparado na noite anterior, na Sexta-Feira-Santa, e afirmava:

– *Essa é dos antigos mesmo. Fui antes do sol pro mato e cortei todas as raízes. Betarú, Guiné, Arruda, Alecrim, Fedegoso, Milome. Tem de tudo por aí.*

E todo mundo tomava daquilo. Mesmo as crianças, um golinho que fosse, dado pelos pais, pois trazia proteção, acreditavam. Entre um gole e outro, a garrafa corria de mão em mão, mas o assunto comentado por todos era a caçada mal-sucedida de Tico do Mato, e este estava ali, jurando ser a mais pura verdade.

Já passava da Ave-Maria e, antes mesmo do anoitecer, já haviam montado uma fogueira e aguardavam o dono da casa, Maneco Libório, para que pudesse acendê-la e este, ainda com a gasolina e os fósforos nas mãos, se assustou quando viu as labaredas, o fogo aceso e um desconhecido se aquecendo próximo, logo perguntando quem era e o que fazia por ali:

– *Eu sou um viajante. Ando por este mundo, respondeu o desconhecido.*

Bem trajado, boa pinta, comentavam. E como trazia um saco nas costas que parecia uma viola, Maneco Libório não demorou muito para convidá-lo a ficar naquela noite para o fandango. E a fogueira ardia ainda mais quando os risos

ecoavam a cada parte da história contada pelo próprio Tico do Mato. Alguns até diziam que ele não havia levado munição e sim cachaça. E todos riam.

Quando ouviram o som da viola já afinada, ou temperada, como diziam, correram pro salão e, atrás deles, o andante desconhecido. Nhô Américo e Prudêncio tocavam a viola, Pedro Ribas na rabeca e Zéco Constante batia o adufe; no salão os casais dançavam uma chimarrita.

Acabando essa primeira moda, foi repassada a caneca de Amargoso e, das mãos de Tico do Mato, oferecida ao desconhecido, foi negada, o que gerou comentários e risos:

– *É muito forte pra ele*, diziam uns. *Tempera com açúcar*, riam outros. *Põe 25 doses pra ele*. E todos gargalhavam. Nhô Américo, com a viola nos braços, ainda brincou em versos:

MEU SENHOR QUE AQUI CHEGASTE / QUE O
AMARGOSO DESFAZ
SENTE PRA TOCAR VIOLA / ESTA QUE EM SEU
BRAÇO TRAZ.

Porém, os risos deram vez à admiração quando viram a viola daquele desconhecido. Certamente a mais bonita que já viram por aquela redondeza e, quando perguntaram do “fabriqueiro”, desconversou e nada falou, apenas comentou, para risos de todos, que sua viola era mágica, não deixando ninguém mexer naquele instrumento, ao contrário, sentou-se logo e nem precisou afinar, começou a tocar. Ao seu lado, Nhô Américo tentava acompanhar as modas, mas logo percebeu que não dava conta de tocar por igual, sendo substituído por Prudêncio e depois por outros violeiros que por ali estavam. Realmente sua viola era mágica ou era o violeiro?

A animação tomou conta do salão. E o calor também, fazendo aumentar o intervalo entre uma moda e outra, momento em que ‘molhavam a goelá’, uns iam pra fora ‘pegar um arzinho’, outros ficavam no salão aos comentários acerca

daquele violeiro dos bons, e ele, o violeiro desconhecido, se pôs no canto da sala a fumar um cigarro, notado apenas por Mauro Sérgio, neto de Mercedes, que estranhou vê-lo acender o cigarro sem usar isqueiro ou fósforo. Ficou intrigado e passou a fiscalizar o 'tal'. Olhava-o de cabo a rabo, de cima a baixo, e comentou com a avó acerca do cigarro que ele acendera, mas ela, naquele momento, fez pouco caso.

Parecia que só as crianças viam aquilo e, novamente, o menino comentou com a avó que vira o 'tal desconhecido' acender o cigarro apenas estralando os dedos. Dona Mercedes passou a perceber o viajante, mas o menino ficou em pânico, parecia ter, apenas ele, ouvido o viajante responder e ecoar em seu ouvido:

– *Cada um como O fez.*

Quando acalmado pela avó, o garotinho contou o que apenas ele ouvira de resposta do violeiro desconhecido e, quando se preparava Prudêncio e o 'tal violeiro' para romperem uma moda valseada, o menino, ainda desconfiado, olhava e, correndo até o pai, contou-lhe, nos ouvidos, o que percebera:

– *Papai, este violeiro tem o pé redondo.*

– *Cada um como O fez,* respondeu o dito viajante desconhecido.

Porém, desta vez, todos ouviram o que o menino dissera e começaram a rir, e o violeiro viajante riu também. O menino ficou confuso, instantaneamente levando uma bronca do pai, correu para os braços da avó e esta percebeu algo de errado:

– *Por que esse menino tá vendo coisa com esse violeiro?* Pensava Dona Mercedes, e passou a olhar disfarçadamente para o tal violeiro desconhecido que ali chegara naquele baile logo após a quaresma.

Dando fim à falaria e aos risos, tocaram um "domdom", o tal violeiro em sua violinha mágica, bufando de tão alto o som, e o violeiro Prudêncio, que logo largou a viola e chamou o irmão para tocar. Tico do Mato nem bem sentou e o 'tal' puxou

uma chimarrita, rasqueando umas batidas nas cordas da viola e, olhando para o companheiro que chegara a tocar com ele, cantou o verso:

EM 25 DE MARÇO / NO MATO MUITO CORRI
LEVEI 25 TIROS / NÃO MORRI ESTOU AQUI.

A velha Mercedes, desconfiada que já estava, ouvindo este verso, não teve dúvidas. Ali parecia que todos estavam hipnotizados, mas ela agarrou a viola das mãos do filho Tico do Mato que tocava e, arranhando nas cordas, cantou:

MEU SENHOR DONO DA CASA / FECHE A PORTA E
ASCENDA A LUZ
TAMO COM O DIABO EM CASA / REZEMOS O
CREDO EM CRUZ.

Todos sem saber o que tinha acontecido e sem saber o que fazer. Tico do Mato, sem reação, não entendia o porquê de a mãe ter feito aquilo, mas o violeiro desconhecido continuou:

EM 25 DE MARÇO / O CAÇADOR ME FEZ CORRER
EU AQUI NESSE FANDANGO / NÃO
PRETENDO AMANHECER.

Nesse exato momento, a escuridão tomou conta do salão; todos os lampiões que clareavam a casa, de repente se apagaram; ouviram um enorme estrondo e no ar pairou uma catimba, deixando todos enojados, e quando, aos poucos, foram reascendendo os lampiões, ainda que alguns não acreditassem, foram entendendo que 'aquele' que havia estado ali e tocado com eles era o 'pé redondo', o capeta. Assustados, a atenção voltava-se para o banco, onde estava sentado o 'dito' e, naquele lugar, deixara sua viola, que mesmo em meio à escuridão brilhava e ainda fazia ouvir o bufo de suas cordas.

No mesmo instante, o dono da casa Maneco Libório propôs queimar aquele instrumento, e assim o fizeram, ali mesmo, do lado de fora, no terreiro, aproveitando as brasas da fogueira que haviam montado. Há quem diga que ainda ouviram as cordas tocando sozinhas enquanto as labaredas do fogo consumiam aquela madeira, restando mesmo apenas cinzas no lugar, onde, mais tarde constataram, nunca mais nasceu mato algum naquele terreiro, porém, muitos anos depois, o povo até já tinha esquecido desta história, brotou ali uma grande e frondosa árvore, desconhecida por aqui, e como o fruto também ninguém conhecia, não sabiam se dava pra comer ou não, chamaram Nivaldo pra derrubar a árvore.

Nesse momento da história, as canecas já estavam com o café esfriando, quando Alziro confessa que Nivaldo aproveitou a madeira daquela árvore pra fazer a viola que deu de presente pra ele.

– *Titio Nivaldo, Papai?*, indagou Irineu ao pai Alziro.

Afirmando com a cabeça ao filho, Alziro levanta, passa a mão na viola dependurada na parede e se encaminha, seguido pelo filho, à casa de Nivaldo, alguns metros adiante da ponte do pequeno rio que atravessa a Vila.

Ao se aproximarem, Nivaldo parecia já saber do ocorrido, pois coisa igual ocorrera em sua casa, mas estranhava ter ocorrido com Alziro, pois afirmava ter benzido o instrumento numa Sexta-feira Santa e, por isso, ter presenteado o cunhado, e na insistência deste se acaso havia sido oferecida à São Gonçalo, disse não se lembrou o “fábriqueiro”, portanto, concordaram, era o que tinham que fazer.

– *E dá pra fazer hoje, Tio Nivaldo?*, perguntou Irineu, que acompanhou o pai.

– *Não. Só no dia do Santo. Em janeiro*, respondeu Alziro ao filho.

Nivaldo acrescenta ainda, ao sobrinho, que Alziro deve oferecer naquele momento e, em janeiro, “fazer a paga”, explicando que se tratava de uma promessa, portanto, deveria

“pagar a promessa” ao padroeiro dos violeiros e, entrando em seu quarto, traz um saco esfumaçado e de dentro retira uma viola tão velha quanto o saco, cortando um pedaço de uma fita branca que estava amarrada no braço daquele instrumento e, medindo-a do tamanho dos braços do cunhado, oferece-o:

– *Amarre essa fita branca no braço de sua viola também. É a fita de São Gonçalo. Mas vai ter que benzer ainda na Sexta-feira Santa.*

Foram três os nós dados na fita branca no braço da viola e, a cada novo nó que dava, Alziro repetia a oraçãozinha:

SÃO GONÇALO DE AMARANTE / ESTA VIOLA ABENÇO
GANHANDO POR AFILHADO / ESTE VIOLEIRO EM PESSOA.

Irineu parecia mais interessado na velha viola que o Tio Nivaldo acabara de tirar do saco e comenta que, mesmo parecendo muito velha, ainda brilhava. Era estranha. Mais estranho ainda era seu formato, e o tio afirmou ser feita de capa de Indaiá e comentou:

– *E mesmo com a fita de São Gonçalo, o ‘tinhoso’ ainda assim vem querer tocar. Veja o risco aqui.*

Enquanto mostrava a viola velha, mesmo sem cordas, com o tampo arranhado, com marcas de unhas, o menino Irineu parecia ter a solução:

– *Benze ela então, Titio.*

– *Essa não pode,* disse o tio, acrescentando: *Essa aqui foi deixada na terra pelo próprio ‘djanho’. Não pode ser benzida.*

Era por isso que estava desafinada aquela violinha e tinha em seu braço amarrada uma fita branca, dedicando-a ao padroeiro dos violeiros São Gonçalo. Diziam, assim, ter proteção e apadrinhamento do sagrado.

O menino não se aguentava de curiosidade de saber como o tio possuía uma viola feita pelo próprio “tinhoso”:

– *Mas não queimaram a viola do Saci? Não foi, Papai, assim que o senhor contou?*

– Não é essa, menino. Tem gente que diz que o ‘coiso’ teve 7 violas na terra, né?, respondeu o pai.

O tio, concordando, balança a cabeça, acrescentando terem queimado uma no tempo dos antigos e a outra ele ter guardado; comenta ainda ter ouvido falar de outra, com um certo violeiro, um tal de Oréulio, que ficou famoso tocando pelo mundão, depois de fazer um pacto na Sexta-feira Santa, encontrar o ‘próprio’ numa encruzilhada e aprender a tocar viola como ninguém.

– *Esse enriqueceu lá pro norte*, afirma Alziro.

Mas o menino queria saber mesmo como o tio conseguira aquela, e do próprio, mostrando-se atento a cada palavra que Nivaldo contava, lembrando sua infância, ali mesmo pelo povoado de Utinga.

Em pescaria, de camarada com seu pai, Afonso, costumavam descer o rio até o mar da Vila, distante dali, quase um dia de canoa a remo e, quando voltavam, além dos peixes, traziam ainda alguns suprimentos da cidadezinha, como querosene, sal e trigo.

E foi numa dessas idas que Nivaldo avistou no barranco alguém que acenava e trazia nas mãos alguma coisa, mas quando avisou o pai, este não deu atenção, pois teriam muito que remar; na volta, o menino vê a mesma cena, avisando o pai Afonso que, desta vez, resolve remar até o barranco, intrigado com aquilo que só o menino via e, lá chegando, o velho não via nada, nem ninguém, e quando voltava para a canoa, ouviu o menino todo alegre e satisfeito com uma violinha de capa de indaiá, que encontrara em cima da pedra, no exato lugar onde havia visto alguém lhe acenar.

Quando tentaram chamar por possível dono, apenas escutaram *parapapá parapapá parapapá* no mato. Um barulho estranho que parecia um batido de tamanco de Fandango Caiçara e, como por ali não morava ninguém e não ouviram resposta alguma, Afonso entendeu que aquele instrumento fora deixado ali para Nivaldo mesmo. E rumaram então para casa.

Irineu já estava sentado no chão da casa, ouvindo o tio acrescentar:

– *Foi com essa violinha que eu tirei forma de todas as outras violas que já fiz. Inclusive dessa sua, Alziro.*

– *Que não passe dessa Sexta-feira Santa pra nós benzer a bichinha então, né,* comenta Alziro.

– *Mas por enquanto, nem se preocupe. O ‘tinhoso’ não vem tocar mais nela, não,* afirma Nivaldo.

– *Agora tá com fita de São Gonçalo,* completa Alziro.

– *E o ‘coisa ruim’ só pode tocar três dias no ano mesmo. Não dá mais tempo,* conclui o menino, já levantando e pegando a viola das mãos do pai, tentando arranhar umas notas, ao que o pai lhe repreende:

– *Larga essa viola, menino. Não tá vendo que estamos na quaresma?*

– *É. E na quaresma não se toca instrumento algum,* ensina o Tio Nivaldo.

Voltando pra casa, Alziro desafinou a viola, destorceu as cravelhas, retirou todo o encordoamento e a colocou dentro do saco, dependurando-a na parede com a boca virada pra esta, e dali vai retirá-la somente na Sexta-feira Santa, para benzer; quando afinado, no outro dia, Sábado de Aleluia, vai tocar a primeira moda de Fandango Caiçara, “desenterrando o carnaval”, como dizem, pois haviam parado de tocar na última noite de carnaval, antes de entrar no período quaresmal, aguardando, em diante, o mês de janeiro, quando vai dedicar seu instrumento à São Gonçalo de Amarante, o padroeiro dos violeiros.

Até lá, vai caçar uma cigarra, na lua crescente, e esfregar a cabeça desta em seu peito, colocando-a, depois, dentro da sua viola, juntamente com um pedaço de algodão e guizo de cascavel, quando tiver, ou uma cabeça de besouro, pois desta forma, acreditam, traz proteção para seu instrumento e une-o a ele, um ajudando o outro, a viola e o violeiro.

O MILHÃO DO MENTIROSO OU A
MENTIRA QUE VALEU UM MILHÃO

Todo lugar, seja capital ou mesmo no interior, ou, melhor dizendo, mais ainda no interior, existem personagens um tanto folclóricos, diria, em suas histórias, lembrados que são por todos, dos mais novos aos anciãos; afamados, até certo ponto, pois se sobressaem e ganham a imaginação de todos pelas redondezas as suas proezas, a ponto, inclusive, de ficarem conhecidos ou conhecidas para além das próprias divisas de sua terra, visto a magnitude que alcançam seus atos, um tanto fantasiosos. Será esta a palavra correta a se usar?

Alguns bairros, por terem a honra de se localizarem no mesmo lugar onde alguns destes resolveram habitar, acabaram sendo rebatizados, não de forma oficial, mas devido aos ilustres moradores, tornando-se referências geográficas para a localidade:

– *Ali é a Rua do Enganador; atrás daquele pé de sapateiro era onde morava Dona Língua Solta; nesse bairro morou o Bola de Mentira; pra lá era a casa de Evaldo, O Curioso; Tico, o Língua de Trapo mora naquela casinha; Dona Mariquinha da Janela morou nessa rua.* Se ouvem muitas destas coisas em alguns vilarejos.

Para sua surpresa ou não, é justamente destes tipos de personalidades que estamos falando, não é mesmo?

Na vila litorânea de Onde o Vento faz a Curva, resolveram, pois, atestar a veracidade do que contavam e a popularidade destes, expondo tais cidadãos da região em um certo Festival de Causos e premiando aquele que, merecedor, contasse a mais pura das verdades, ou não.

O que ganhou a língua do povão foi a premiação anunciada – um milhão – e até mesmo o Jó da Dúvida jurava que era “a mais pura verdade”, portanto, motivador que foi para que muitas inscrições ocorressem, mas desistiram também aos tantos quando souberam dos afamados participantes.

E não se falava noutra coisa naquele lugar e pelas redondezas. No caminho da escola mesmo, por vezes se juntavam algumas figurinhas do mesmo caminho, então era uma falaria só. Deus nos livre estar na língua destas. Ali, em pé, chegavam a passar horas, e muitos com a orelha vermelha em casa, sem saber o porquê.

Esse caminho era um dos afamados. Todos, quando por ali passavam, certamente eram parados por Dona Linguaruda que, não se contentando em falar com os transeuntes de sua janela, corria em passos curtos, muitas vezes abandonando os afazeres diários e, na porta de casa, que era a rua, noticiava sobre as últimas da Vila e, é claro, sobre o ‘tal’ concurso.

– *Guria do céu, dizem que vem um pessoal dos sítios e tudo. Bastante gente.*

Mas nisso Dona Linguaruda tinha razão. Ou, melhor dizendo, Dona Inez, quando se referia aos afamados que viriam contar suas verdades e arriscar o tão sonhado prêmio. Era a maior ‘mentirozada’ por metro quadrado já visto. Antes mesmo de acontecer, o festival já batia recordes.

E por ali chegaram o Pilar, já afamado pelas ilhas, o Alípio, conhecido pelas estradas, o Liberó, que ninguém acreditava em lugar nenhum por onde passasse e o Licon, que almejava, além do prêmio, subir ao mais alto grau, junto com aquelas

suntuosidades, além do Sebastiãozinho, que agora morava por ali mesmo. Pronto, a briga ia ser das boas, das boas.

Sobre o 'bicho estranho' que pescara emalhado em sua rede certa vez, contou Licon, jurando ele se tratar de uma sereia, e que a mesma, de exuberante beleza, o havia levado num mergulho nas profundezas, lhe mostrando tanto ouro que lhe ofuscou a vista, fazendo-o raciocinar e lembrar do compromisso que tinha para a tarde: ir ao Bar do Didi ouvir o jogo no rádio.

– *Depois que embarquei de novo é que lembrei que tinha acabado a pilha do rádio*, disse, afirmando ainda guardar um segredo confessado a ele pela suposta sereia.

Liberó, concorrente, já um senhor de mais de idade, tinha por companheiro um papagaio que trazia sentado em seu ombro, perguntando para Licon se acaso o nome da sereia era Soraya, pois certa vez também conhecera uma e chegara, inclusive, a se casar com ela, mas algum tempo depois ela fugiu com seu papagaio, este mesmo que agora trazia consigo e, pasmem, nesse momento, o bichinho abaixou a cabeça, sentado em seu ombro, em sinal de arrependimento.

– *Saí mundo afora atrás desses dois; mas encontrei só Genivaldo*.

Era mata fechada quando avistou apenas o papagaio Genivaldo, tristonho, empoleirado num galho seco e com uma corda debaixo das asas, mas quando lhe fez mira pensando em abater o bichinho traidor, ouviu do bico do papagaio:

– *Ah, é você, Liberó. Não tá me reconhecendo?*

E o velho caçador, vendo a tristeza em que se encontrava o amigo de penas e sabendo do abandono da sereia Soraya, pois, voador que era, o papagaio não quisera viver nas profundezas com a amada, fato que o fez cair em tal melancolia.

A essa altura o papagaio até balançava sua cabeça, parecendo afirmar cada palavra proferida por Liberó, até mesmo acerca da ventania que em seguida caiu lá no mato onde estavam e, para surpresa, trouxe, exatamente onde se encontravam os dois amigos, uma mesa, e ali, sentados, chorando

as mágoas da vida, estavam felizes por terem se encontrado, quando de repente não é que caiu sobre a mesa uma cervejinha, e gelada ainda.

– *Sem mágoas, disse Genivaldo a Liberó.* E brindaram o reencontro dos velhos amigos.

Alípio o interrompeu dizendo que, uma vez, tirara uma cerveja de dentro da barriga de um peixão que havia pescado. E assim começa sua proeza, lá pros lados do Rio das Pedras, jurando ser verdade tudo o que dizia, trazia consigo, no pulso, um belo, mas judiado relógio, o qual, afirmava, era a prova de que ele não mentia.

A linha havia engatado nas pedras, pensou e retirou o relógio, colocando-o em um galho de árvore que ficava próximo e foi esticando a linha e adentrando na água; não se assustou muito com o tamanho do peixe que havia fisgado, que inclusive o fez cair na água e deu trabalho para tirar o bicho de lá.

Já em terra com seu peixão, cansado e molhado, pra sua surpresa, uma das coisas que encontrou dentro da barriga do peixe foi uma garrafa e, acreditem, estava dentro da validade pra consumo e ainda gelada.

Retornou o pescador Alípio pra sua casa, feliz e cantando, mas havia esquecido seu relógio no galho. Dizia ter sido difícil de acreditar que seu instrumento de marcar as horas ainda estivesse lá noutro ano, quando pôde retornar para uma nova pescaria no mesmo lugar.

– *Olhe, dependurado naquele galho, por um ano. Não é que cresceu um cipó naquele galho, e foi se enrolando justamente no pino de dar corda, e nas tantas voltas, quando encontrei, ainda tava trabalhando. Era 4:30 da tarde.*

E para os incrédulos, mostrava em seu pulso um relógio já antigo, com sujeiras internas que logo justificou:

– *Foi a Curruíra que fez ninho dentro e eu não consegui tirar todos os galhos. Ficou uma sujeirinha ali.* Apontando para dentro do marcador e complementando sua história, dizia ainda ter visto o filhotinho de passarinho que saiu do seu

relógio no verão passado, ainda do ovinho que a mãe havia chocado entre as horas e os minutos.

E por falar em pescaria, passarinho, papagaio, o tal do Sebastiãozinho resolveu contar de uma de suas caçadas, lá pros lados do Morro do Bronze, disse.

Andarilho que era, pouco tempo depois de ter chegado na Vila, já surpreendia ao pescar e caçar com agilidade, a qual justificava ser herança dos antepassados, já que haviam os seus sobrevivido assim durante séculos em todos os lados da terra. Ninguém ousava questionar.

Dizia ele, concorrendo a um milhão, que naquela caçada avistara quinze macacos fazendo a maior algazarra em uma árvore e resolveu abater ao menos um para suas necessidades, mas quando fez mira, ouviu o rugido de uma onça e, pela altura do som, chegou até a estremecer. Era ali mesmo, de seu lado, e devia ter uns 15 metros.

Astuto, pensou rápido e, como tinha apenas uma bala na agulha, sacou o facão de sua cintura, o empunhou na boca da espingarda e fez mira na onça, não perdendo de vista o macaco, e fez o disparo. *Bummm*.

– *Pois se atirasse no macaco, a onça comia nós dois. Se atirasse na onça, ficava sem meu almoço. Resolvi*, afirmando que o tiro, ao dividir a bala, foi certo na onça, ainda derrubando um macaco do galho.

– *Olhe, quando tava carregando aquela onça e aquele macaco nas costas, de volta pra casa, ouvi uns barulhos e voltei pra ver o que era. Tinha mais três macacos caídos e uma barulheira em cima da árvore. Vum, vum, vum. Era a bala rodeando os galhos e procurando o resto dos macaquinhos que ainda tavam por lá trepados.*

E chegou a vez de Pilar. Quietinho, reservado, mancava de uma perna e fazia tempo que ninguém o via por aquelas bandas, devido ao fato de ter ficado 6 meses boiando mar pra fora, desde que havia caído da embarcação em que pescava. Depois de ter sido resgatado, acabou ainda mancando da perna

direita, devido aos machucados de quando retiraram com uma enxada as cracas e as ostras que nele haviam crescido. Foram duas caixas de ostras e, em seu bolso, ainda retiraram 2 quilos e meio de peixes do mar de fora.

– *Ainda me rendeu um dinheirinho*, dizia.

Esse mesmo ‘dinheirinho’ foi o início do que juntou e, pouco tempo depois, conseguiu comprar uma embarcação, mas como era pouco, sempre dava problema no barco e no motor. Certa vez, descarregou a bateria quando atravessava a baía e o dito cujo não teve dúvida, retirou-a do barco, amarrou-a em suas costas e *tchacum*. Foi a nado até a cidade, recarregou a bateria e retornou à embarcação que deixara fundeada.

E foi dizendo que com essa experiência em alto mar havia aprendido a respirar e por muito tempo ficava debaixo da água; certa vez, no verão, devido ao calor que fazia, passou o dia inteiro submerso, só voltando de lá quase à noite, quando percebeu que haviam acabado os cigarros que trazia no bolso. Do fundo do mar, rumando direto para sua casa, sentia picadas pelo corpo, portanto fez uma parada no rancho, já pelo caminho e, percebendo do que se tratava, pegou ali um cesto de taquara, o arriou no chão e se pôs a sacudir seu corpo ao lado do balaio.

– *Pronto, minha gente. O jantar lá em casa já tava arranjado. Pois não é que enchi meu balaio? Tinha 135 siris grudados nas minhas costas. E siri patola, só dos grandes ainda*, disse.

E como se já tivesse concluído, ainda deixa um gostinho de ‘quero mais’:

– *Outro dia conto da vitrola lá no meu sítio que toca música sertaneja o dia inteirinho. O disco fica em cima do broto de goiabeira e roda com a força do vento.*

O sol já havia se posto e a noite já dava as caras na afamada Rua do Caminho da Escola, onde Dona Linguaruda, de tanto que contava e com tamanha precisão dos fatos, esqueceu-se até de falar sobre a premiação. Dos que a ouviam ali parados, a

maioria não entendeu e ainda pensava sobre alguns detalhes. Seria a mais pura verdade tudo aquilo? Mas riram todos quando ouviram da conclusão do 'tal' Festival de Causos:

– *Sabe seu Abílio? Não é que trouxe no seu carrinho de mão uma lemarde de uma espiga de milho? Ximirde, enorme. Olhe, um milhão mesmo, como foi anunciado.*

Acrescentava ainda aos ouvintes:

– *É a mais pura verdade.*

E, se despedindo, fechou a janela de sua casa, na qual certamente noutro dia se debruçaria, à espera de um transeunte naquele caminho, vítima perfeita para ouvir as últimas da Vila.

O BICO TORTO DA POMBINHA
DO DIVINO QUE NÃO GOSTAVA
DE FANDANGO

Cocorécooooo. Era o galo cantando no poleiro improvisado no galho da goiabeira, e anunciava assim, mais um novo dia que amanhecia por aquelas bandas. E certamente por ali era mais bonito; parecia que o sol brilhava com certa intensidade como nunca antes visto; os pássaros faziam orquestra nos galhos da palmeira e suavemente o vento presenteava a vizinhança com sua leve brisa.

Em frente às suas humildes casas, os pescadores e as pescadoras já se aglomeravam; a esposa, debruçada na janela da sala, a olhar o horizonte, e do lado de fora, outras senhoras da comunidade a ladeavam; mais próximo ao rancho de pesca, os homens conversavam, uns sentados no combro da praia, outros no cocho da canoa, outros ainda de cócoras sobre o gramadinho molhado com o sereno matutino. Ainda, alguns cachorros corriam atrás das galinhas pelo terreiro, sendo, a todo instante, aos berros, repreendidos pela dona das aves: *"Passa, Campero. Deixe as galinhas em paz"*.

A vizinhança, todos pareciam que ali estavam, pois era aquele o dia mais aguardado do ano. Esperavam ouvir o ribombar da caixa, e, quando desse som, saberiam que estavam

se aproximando os foliões em Romaria que traziam consigo a Bandeira do Divino Espírito Santo até aquela comunidade.

Um mastro onde se dependura uma bandeira vermelha e nesta, ao centro, o desenho de uma pomba branca, símbolo cristão do Espírito Santo; acima, uma pomba esculpida em bronze, fixada no mastro, quase imperceptível, pois rodeada de um buquê de flores brancas e vermelhas, de onde pendem dezenas de fitas de ex-votos, multicoloridas, medindo o tamanho do devoto, que nelas anotam pedidos e agradecimentos por graças alcançadas. Assim é a secular tradição, a crença na presença do Divino, que mais uma vez visitaria as casas daqueles que, fervorosos e crentes, a esperam.

Os foliões, um violeiro, um rabequeiro e um tocador de caixa, ainda uma criança com voz aguda e estridente, que chamam de Tipe, têm por missão percorrer as comunidades, visitando todas as moradias e levando a Bandeira, ainda arrecadando fundos para a realização da Festa do Divino.

Separadas por um canal natural, duas comunidades. A Vila Nova, que dava adeus à Bandeira, e a Vila Velha, que se preparava para receber o resplendor sagrado; do lado de cá, era possível ouvir a cantoria que fazia seu Encerro naquelas paragens, significando dentro em pouco estar se direcionando para a Vila Velha e, dessa forma, ainda que todos tivessem se preparado, aparentemente ansiosos, ficavam em êxtase. O Divino está chegando.

Do barranco da Vila Velha visualizavam na outra comunidade o cortejo descendo a trilha que traz até o porto da comunidade e, à frente deste, o Estandarte Sagrado. Parecem se emocionar, visto de longe. Percebem-se abraços, despedidas, e a tripulação ou foliões embarcam, se direcionando à outra comunidade, com os Estandartes Sagrados na proa do barco e a caixa entoando seu toque. É o sinal para que todos se aproximem da praia para receber os foliões do Divino.

As mulheres que estavam na janela de casa juntam-se aos homens, e todos rumam ao porto de Vila Velha. Novamente,

aglomeram-se, e quando a canoa com a tripulação se aproxima, um destes, Totó, desvara uma canoa em seu porto, que ali próximo ficava, e vai ao encontro. Sucede-o outros tantos a desembarcar as bagagens, os tripulantes e os Estandartes Sagrados, que, tão logo tocados, ainda na praia são beijados por todos quanto ali estão.

Quando do último desembarcado, já em terra firme, é o Mestre da Romaria, Andrézinho; há sinceros cumprimentos, risos, a alegria envolta o belo cenário da Mata Atlântica naquela comunidade caiçara, extremo sul do território paranaense.

Um casal, então, Dalmo e Zica, respectivamente, seguiram a Bandeira do Divino Espírito Santo, e os foliões, ainda com os pés descalços do desembarque na praia, começam a afinar seus instrumentos, destacando-se a caixa, uma espécie de surdo com seus ecoantes batidos. O agudo som das três cordas da rabeca, passadas uma a uma pelo arco com cordas feitas com cipó timbopeba e o repassar das cordas da viola – Canutilho, Toeira, Requinta, Cantadeira e Bordão – afirmavam estarem todos os instrumentos afinados, ou temperados, como dizem. Mestre Andrézinho, com um leve movimento com a cabeça, sinaliza ao restante de sua equipe: Vítor, rabequeiro, Quirino, tocador da caixa, e Guinho, o Tipe. Estão prontos, já podem começar a Romaria na Vila Velha.

O casal, então, tão logo iniciam os toques daqueles instrumentos, segue à frente pelo caminho a levar o Estandarte Sagrado para sua morada; atrás dos dois, a equipe de foliões, o violeiro, o rabequeiro, o Tipe e o caixeiro, e, atrás destes, romeiros da comunidade e também da Vila Nova que ali permaneciam, carregando as bagagens daqueles que à frente tocavam; todos carregavam ainda algo muito maior, sua fé, sua crença, sua tradição.

De longe já se ouvia o uníssonosom da viola, da rabeca e da caixa, num toque instrumental atravessando as areias da praia, subindo o combro e seguindo mata adentro, pelos caminhos da comunidade, uma trilha que se direcionava até a

frente da primeira casa, que era do próprio Totó, o mesmo que minutos antes ajudara a desembarcar os foliões em sua canoa.

Depois daquela recepção em seu porto, correu para sua casa e lá estava em frente da morada, com a esposa Ana Lúcia, pouco à frente dos filhos, esperando. Há os acenos com a cabeça e, num gesto de reverência, o “beijamento” ao esperado Estandarte Sagrado, momento em que ele retira de seu bolso um frasco de perfume, que escolhera para tal ocasião e, esborrifando, faz exalar suave e agradável odor, num emocionante momento, pois sua esposa está a aspergir pétalas de rosas na perfumada Bandeira, guiando-a para dentro de sua morada, posicionando-a ao centro do rústico altar que improvisaram em sua sala, contendo flores, imagens de santos e uma vela acesa, ícones religiosos estes aos quais o mestre violeiro deverá entoar cantoria para cada qual ali colocado. Ficam de frente para os foliões, que agora já se posicionam naquela sala, em frente ao altazinho; de costas para o altar, apenas o Típe Guinho, este que, atento aos versos improvisados pelo Mestre Andrézinho, o acompanhará na cantoria.

Os que não conseguiram entrar pela porta da frente, correram pela porta da cozinha e encontraram um lugarzinho para ouvir a cantoria e prestar sua devoção; outros dividiam o espaço da porta, se aglomeravam na janela, e outros, ainda, silenciosos, ouviam pelo terreiro, do lado de fora da casa.

DIVINO ESPÍRITO SANTO / AQUI DESCEU COM SUA LUZ
A SANTÍSSIMA TRINDADE / E O SALVADOR JESUS.

AQUI CHEGA O SANTO ESPÍRITO / GUIANDO ESTA ROMARIA
VEM TRAZER SANTA BENÇÃO / PRO SENHOR E SUA FAMÍLIA.

MEU SENHOR DONO DA CASA / RECEBEU COM MUITA FÉ
ESSA EQUIPE EM ROMARIA / PEDE UM COPO DE CAFÉ.

Na casa onde chegam, o mestre inicia o ritual do toque da Chegada; são versos cantados pedindo a descida do Espírito Santo sobre a morada, agradecendo a acolhida, cada qual daquela família é lembrado, agradecem os preparativos para sua chegada e, vez ou outra, ainda em versos, pedem um cafezinho para a equipe. E terminada esta cantoria de Chegada, há uma formal saudação e cumprimentos da equipe de foliões a todos que ali estão, principalmente os da família que lhes abriu as portas.

Totó, ainda segurando o Estandarte Sagrado, diz:

– *Mestre Andrézinho, vou repousar a Bandeira ali no quarto, sabe.*

– *Pode guardar lá, Seu Antônio, pode guardar,* respondeu o Mestre da Romaria.

Com a Bandeira já repousando na cama do casal, o dono da casa oferece à equipe de foliões e a todos quanto ali estão um farto café, nesta ocasião, servido com beijú e cuscuz que haviam feito durante a semana. Ainda há uma garrafa cheia de saborosa garapa.

Os compadres e vizinhos da comunidade, os mais achedados da família, se reúnem na cozinha, pois o café era dos bons e o convite, direcionado a todos; mas é do lado de fora que se agrupam tantos outros, neste momento de intervalo, onde criam e recriam, inventam e reinventam histórias, piadas, contos e causos da comunidade e dos seus. Lembram fatos do ano passado, os risos ecoam pelas trilhas.

Numa dessas rodinhas de gente, a mais animada, Jairinho contava do velho pescador que soltou a tarrafa sobre um bando de Biguá na água achando que era um cardume com muitos peixes. Não bastasse o erro que cometeu ainda perdeu a tarrafa, pois as aves marinhas voaram e a levaram. E todos se partiam de rir.

– *E não é só isso, continuava Jairinho. Pois não é que o homem achou a tarrafa dele, uns seis meses depois, lá na Figueira, num topo de Guanandi.*

As gargalhadas são gerais, descontroladas quando Jairinho completa:

– *Pois não é que os Biguá tinham feito ninho na tarrafa. Mas o velho pegou de novo de lá; lemarde de um Guanandi, uns 30 metros, ele subiu lá e pegou a tarrafa, e olhe só, não é que veio com 1/5 de quilo de camarão na carapuça ainda, fora os ovos de Biguá que ele não pesou.*

Havia ainda uma outra rodinha de pessoas mais ao lado. Esta, em sua maioria de jovens, que atentamente ouviam as histórias da roda dos mais velhos e riam juntos. Mas o assunto que em seguida puxaram em sua roda tomou a atenção de todos que por ali estavam e a conversa tornou-se uma só, comentada por todos, jovens e mais velhos; se perguntavam entre si: “*Será que pode?*”. Ao mesmo tempo que respondiam: “*Acho que não*”; outros acrescentavam: “*Acho que Mestre Andrézinho não vai deixar, não*”. Alguns concordavam e outros ficavam meio res-sabiados. Aquele buchicho, risos, se transformou num soturno momento quando viram sair da cozinha o Mestre Andrézinho, e se aproximando da roda, onde há pouco tempo pareciam comentar, propor, rir, concordar, ou seja, conversavam naturalmente.

Mesmo com receio, mas com certa ousadia, Jairinho, se dirigindo ao Mestre Andrézinho, perguntou:

– *Seu André, será que fazemos um fandanguinho hoje? O povo tá perguntando aí, ó.*

Mestre Andrézinho, em tom de brincadeira, satiriza:

– *O povo que tá perguntando ou é tu que tá se lambendo, Jarrinho? Acrescentando em seguida: Cuidado, hein. O Divino não gosta.*

Naquela rodinha o silêncio tomou conta e ninguém mais falou naquele assunto. O mestre entrou na casa e em alguns instantes todos os foliões já estavam reunidos na sala novamente, de frente para o altazinho que os moradores haviam preparado, e com um sutil movimento de cabeça, Andrézinho sinaliza positivamente ao dono da casa. É o momento em que o casal

se dirige até seu quarto e retorna com a Bandeira, ocupando os lugares em que anteriormente estava, atrás do altar.

Enquanto os instrumentos são afinados, a família amarra fitas de ex-votos na Bandeira e faz doações ao Alferes, um membro que tem por obrigação receber as doações e ofertas, cuidadas pelo atento olhar do mestre, que deve entoar versos para todos quando fizerem sua doação.

Além das fitas de ex-votos e pedidos, alguns penduram cartas e fotografias; a Bandeira é então novamente aspergida com perfumes e o ribombar da caixa, ainda em toque de afinação, faz com que todos que por ali estão se aproximem novamente da sala da casa. Uns na janela, outros na porta da sala, outros pela porta da cozinha. É o momento da Despedida naquela morada.

Viola, rabeca e caixa afinados. Inicia a cantoria de Despedida:

DIVINO ESPÍRITO SANTO / COM A SANTÍSSIMA TRINDADE
VAI DEIXAR NESSA FAMÍLIA / PAZ, AMOR, FELICIDADE.

O mestre, lembrando das ofertas que receberam naquela morada, entoava versos de agradecimentos:

DEUS O AJUDE, HOMEM BOM / MULHER DE BOM
CORAÇÃO
O DIVINO E A TRINDADE / FICAM EM SEU CORAÇÃO.

OFERTASTES AO DIVINO / COM PRAZER, COM ALEGRIA
DEUS LHE RECOMPENSA EM DOBRO / TODA
VIDA, TODO DIA.

SEUS FILHOS, COM DEVOÇÃO / COM AS FITAS
NA BANDEIRA
PREGARAM SUA DEVOÇÃO / BENÇÃO EM SUA
VIDA INTEIRA.

A FOTO DO ENTE QUERIDO / QUE NA BANDEIRA PREGOU
O DIVINO ESPÍRITO SANTO / LEVOU PARA O CÉU
E GUARDOU.

E mudando a forma de versar, o mestre anuncia estar chegando o momento da saída:

ESTÁ PEDINDO LICENÇA / PRA SAIR DA SUA MÃO
VAI SEGUIR A ROMARIA / DEIXANDO SANTA BENÇÃO.

Então o toque da caixa muda sua sequência rítmica. O Mestre Andrézinho e sua equipe de foliões, Quirino, Vítor e Guinho, deixam então o centro, de frente do altar, e se posicionam na lateral da sala, executando apenas um toque instrumental, chamado por eles de Beijamento.

A Bandeira é posicionada agora em frente ao altar e ao centro da sala, ocupado por todos quanto ali estão, estes, que se aproximam do Estandarte, reverenciando-o, beijam-no; inclusive os que estavam acompanhando do lado de fora, todos em fila ou mesmo de forma desorganizada, procuram entrar e participar daquele momento em que a Bandeira é baixada à altura de cada um deles, e quando não há mais ninguém para o solene ato, é a vez do dono da casa e de sua esposa realizarem tal ritual.

Iniciam então a saída da casa. Totó à frente, emocionado que está, parece nem perceber que está saindo com a Bandeira na mesma posição em que estava quando entrou na morada e sua esposa Ana Lúcia o corrige:

– Antônio, vire a Bandeira, homem.

Se a Bandeira entra de frente, deve sair de costas para a porta, ficando à frente do Estandarte, da pombinha que representa o Divino Espírito Santo voltado para dentro de seu lar.

Já no seu terreiro, outros, dentre tantos que acompanhavam, pegam a Bandeira e a conduzem ao lar mais próximo, num verdadeiro cortejo pelos caminhos da comunidade.

Ao se aproximarem da casa de Bastião, ouvem, ainda no caminho, o estouro de foguetes. É sua saudação ao Estandarte, ecoando na mata. Os cachorros se assustam e latem, as pessoas conversam, mesmo na Romaria, pois esta, durante o trajeto, é apenas tocada no instrumental, mas tão logo chegam em frente à casa visitada, o dono desta, após devidamente beijá-la, a leva para dentro, seguindo aquele mesmo ritual, a começar, ali, com a cantoria de Chegada, em seguida, pausando para mais um cafezinho.

Desta morada seguiu a Romaria pela vizinhança, entre cantorias de Chegada e Despedida, percorrendo todas as casas... A cada toque do birro na caixa, a cada bufo da viola, a cada melodia da rabeca, se espalhava para todos: Ué, por que não? Já que estamos todos por aqui; já que tem todos os instrumentos aí mesmo. Por que não fazer um fandango depois? Todos comentavam, mas ninguém ouvia de onde saía.

E assim será durante todo o dia, até as seis da tarde, ao anoitecer, a hora da Ave-Maria, quando entoam cantoria de Encerro, mas pouco antes deste momento, o Mestre da Romaria ainda jantava, sentado à mesa, quando comentou com o dono da casa:

– *Bom Jesus, mas fala aí fora essa gentarada, não?*

Fazia referência às pessoas do lado de fora que aguardavam o momento de encerrar a Bandeira Sagrada por aquele dia e, certamente, tinham em mente algo a mais... Foi tocado o “Encerro”:

BENDITO LOUVADO SEJA / BENDITO SEJA LOUVADO
O DIVINO SE ENCERRA / SOBE PRA GLÓRIA SAGRADO.

NESTA SILENCIOSA NOITE / SE DESPEDE A ROMARIA
PEDE POUSO PRA FOLIA / PRA CONTINUAR NOUTRO DIA.

Todos os presentes, em uma só fila, realizam, ao final dos versos, quando sobressai apenas toque instrumental, o Beijamento de Encerro, seguido a beijar a Bandeira pelos donos

da casa e pelo Alferes, pelo Tipe, pelo rabequeiro, pelo caixeiro e, por último naquele dia, pelo mestre, sendo, em seguida, a Bandeira embolada em um pano branco, adequado para tal, e colocada a repousar no quarto do dono da casa, onde também permanecem os instrumentos musicais, agora desafinados, ou destemperados, como dizem. Dali serão pedidos pelo mestre somente às seis horas da manhã do vindouro.

Mesmo com a Bandeira encerrada, o povo permaneceu por ali e, entre uma conversa e outra, uns risos aqui, soltavam outra piada de lá e todos riam, e, de repente, sorrateiramente vindo do quarto onde estavam os instrumentos, Jairinho aparece com a viola na mão, carcando-lhe os dedos nas cordas *tram tram tram*, a viola já estava afinada e, como todos conheciam aquela afinação, uns riam, outros aplaudiam, dizendo: *Hei, heiiii*, pelo jeito vai ter fandango.

Bastou isso. Todos que estavam pra fora, conversando pelo terreiro, entraram na sala da casa. O Mestre Andrézinho, meio sem jeito, ia reclamar, mas o próprio dono da casa que os hospedava já estava com a rabeça nas mãos, só lhe restando, ainda meio ressabiado, reprimir:

– *Mas você, Jairinho. Olhe, olhe. Cuidado, com Divino não se brinca.*

– *Hoje ou Ele vem dançar conosco ou dorme lá fora*, respondeu Jairinho, para riso de todos.

E rompeu a primeira moda e dali em diante, foi Dondom e Chimarrita, e o salão cheio de pares a dançar o Fandango Caiçara, enquanto Jairinho cantava:

AJUNTOU-SE O SOL C'A LUA / FIZERAM DE CAMARADA
O SOL POR ANDAR DE DIA / E A LUA DE MADRUGADA.

Coisa bonita, salão cheio. Amigos, parentes, comadres e compadres, vizinhos... Ninguém queria perder o "limpa banco". Até o Mestre Andrézinho dançou, com as devidas licenças, com Marica, a dona da casa, uma vez que Nézinho quase arrebatava o

arco na rabeca... E se revezaram alguns violeiros que por ali estavam, a tocar e a cantar, fazendo encher o salão da casa:

QUANDO CHEGO NO FANDANGO / EU JÁ SEI POR
QUEM PERGUNTO
COMO É BONITO DE VER / DOIS AMIGOS CANTAR JUNTO.

No Anú e na Querumana, quando era moda batida, os mais velhos tinham a vez e os mais novos só observavam; mas quando rompia uma moda valsada, o salão enchia novamente:

O DONDOM C'A CHIMARRITA / TOCADA NESTE SALÃO
LIMPA BANCO, MINHA GENTE / QUE FANDANGO É
MUITO BOM.

Entre batidos e valsados, o Fandango Caiçara comeu solto noite adentro; já rompia a noite e o sol no horizonte anunciava o novo dia, quando Andrézinho pediu que tocassem a saideira logo, pois tinham que continuar em Romaria. E assim se fez, acabou-se o fandango caiçara.

Os primeiros raios do sol ainda se espreguiçavam no horizonte, devagarinho, manhoso, mas vinha. Estava amanhecendo e Mestre Andrézinho pediu a Bandeira para tocar a "Alvorada", iniciando o dia pro Divino Espírito Santo.

Afinação dos instrumentos; montagem do altazinho na sala da casa; e trazem a Bandeira para que se faça a cantoria da Alvorada, prestigiada por todos quanto por ali estavam, amanhecidos daquele fandango, e outros, que não participaram dos baillados, mas retornavam agora cedinho para acompanhar a Romaria.

A Bandeira permanecia embolada, conforme deixada na noite anterior, e agora, durante a Alvorada, é o ritual em que "desembolam", ou seja, retiram o pano branco que a cobria e pedem a presença do Divino no Estandarte Sagrado para os acompanhar durante o dia.

Iniciando o toque de Alvorada, Mestre Andrézinho entoia:

BENDITO LOUVADO SEJA / BENDITO SEJA LOUVADO
O DIVINO SE ALVORA / DESCE DA GLÓRIA SAGRADO.

Segue a cantoria, o Alferes e o dono da casa a desembolar o pano que a cobria e, para susto de todos, a cantoria parou nesse momento. A imagem da pombinha que ficava presa ao mastro não se encontrava mais no topo da bandeira. O silêncio então tomou conta do salão.

– *Meu Senhor Bom Jesus*, disse Andrézinho, completando: *O que fizemos?*

Era a pergunta que todos faziam: Onde foi parar o Divino?. Assustados, sem respostas, ainda ouviram o mestre perguntar se acaso fora algum deles que havia retirado a pombinha do mastro, o que parecia improvável, pra não dizer impossível, pois Nézinho havia trancado a porta do quarto durante a noite e todos quanto estavam no fandango, no salão, não viram nada de estranho acontecer.

Dali iam embora, lamentavam os foliões. Não havia como continuar a cantoria de Alvorada. Não havia como continuar a Romaria do Divino Espírito Santo sem o símbolo que representa o Divino Espírito Santo; até tentaram procurar a imagenzinha, pelo quarto, debaixo da cama, na sala, na cozinha, andaram olhando até pelo terreiro, do lado de fora, mas em vão. Havia perdido a pombinha do Divino.

Teriam mesmo é que voltar para a Terra Ilustre, de onde haviam saído em Romaria e contar o acontecido à Igreja e responder às consequências, conforme Andrézinho já estava preparando-os.

Não restava nada a fazer a não ser se despedir de tão hospitaleiro povo da Vila Velha e, nessa altura, a notícia já se espalhara por todos os cantos do lugarejo.

E pelo caminho lá vinha o João dos Búzios, o velho Capelão das redondezas que naquele exato dia aportara na Vila Velha para acompanhar a Romaria do Divino Espírito Santo, entristecido que ficou ao saber da notícia e enfurecido quando comentavam do fandango que haviam feito na casa, aquela noitada.

Tão logo viu Andrézinho, o Capelão, Andrézinho ainda tentou falar alguma coisa, mas realmente estava errado e aquele velho capelão da comunidade estava com a razão, acrescentando ainda: "Agora dê um jeito. O próprio Divino correu de vocês".

Equipe de foliões reunidos, já com as mochilas e bagagens em mãos, se despediram do dono da casa, de sua esposa e de todos que por ali estavam e foram, com os instrumentos desafinados, numa triste despedida nunca antes vista, acompanhados de alguns até o rancho, no porto, para desvarar sua canoa e rumarem embora. O povo ainda ficou no combro, aceitando, se despedindo.

O velho Capelão, de cócoras no combro, em tom de tristeza, comentava:

– *Que grande pena; a primeira vez que não vamos ter uma Despedida no Porto.*

E já descendo o combro, com as barras arregaçadas devido à lama e à maré que enchia, iam os foliões, e Mestre André, à frente, deu um susto em todos:

– *Meu Bom Jesus. Viva o Divino Espírito Santo.*

Sem entenderem do que se tratava, correram todos para o rancho, onde estava a canoa que os levaria de volta para suas casas e, quando viram, o mestre já estava de joelhos e todos ali se prostraram ao chão, agradecendo ao Divino. A pombinha estava com o bico fincado na proa da canoa. Deu um baita trabalhão pra tirar dali, pois era de bronze, e a canoa, de canela preta, e quando conseguiram, o bico da ave ficou entortado, mas saiu.

Quando levantou a pombinha para todos verem, Mestre Andrézinho falou:

– *Que sirva de lição, minha gente. Oração é oração, não é pra ter fandango.*

Todos estavam felizes, alegres e, ao mesmo tempo, assustados. Surgiam diversas versões para tal aparecimento, para o suposto milagre, e no meio destas o velho João dos Búzios retrucou:

– Pois eu num falei. Fizeram um fandango, bagunçaram a noite toda. O Divino correu da bagunça de vocês e veio dormir na canoa aqui no rancho.

Todos riam da acertada do velho ancião, mas aliviados com aquela verdade, concordaram quando o Capelão emendou:

– Mestre André, então faça a Despedida no Porto, antes de rumarem em Romaria.

E assim ordenou o mestre. Os instrumentos foram afinados e, ali mesmo, debaixo daquele rancho coberto com folhas de Guaricana, foi cantada a Despedida do Porto, último momento da Romaria do Divino Espírito Santo naquela comunidade; depois embarcariam e seguiriam para outra vizinhança.

AQUI DESTA VIZINHANÇA / SE DESPEDE O REI SAGRADO
FIQUEM DEVOTOS COM DEUS / PELO DIVINO
ABENÇOADO.

ESTES POBRES FOLIÕES / EM ROMARIA TEM QUE ANDAR
ESPERO PODER DE NOVO / NO ANO QUE VEM VOLTAR.

Era um sentimento de alívio a todos. Tinham a certeza das bênçãos do céu e cada qual, gesticulando com os braços, se despedia e voltava ao seu lar. A tripulação ainda ficaria cerca de um mês e meio a percorrer outras comunidades, mantendo esta secular tradição caiçara, levando a presença Sagrada, executando suas cantorias, revendo compadres e amigos e angariando fundos para realizar a festa em honra ao Divino Espírito Santo. Outras comunidades, outras histórias.



1ª edição [2025]

Este livro pertence à coleção Outras Palavras, uma realização da Biblioteca Pública do Paraná e da Secretaria de Cultura do Paraná, com recursos da Lei Paulo Gustavo.

Composto em Figtree, sobre papel avena 80 g, e impresso nas oficinas da Gráfica e Editora Copiart em outubro de 2025.

SINOPSE

Histórias do povo do mar é reviver conversas, repovoar a imaginação, lembrar leituras, enfim, visualizar o passado vivo nas calçadas e muros, escrever a história de Guaraqueçaba, com aspectos da cultura caiçara. Tudo o que ouvi um dia relembro agora em linhas. Da velha e pacata Bela Adormecida no Bosque, que parece que acordara para um progresso que muitos ainda temem; das infinitas histórias de pescador e suas verdades (pois muitos a repetiam); da crença e devoção ao Santo Padroeiro dos Violeiros que nos dá permissão para brincar com a viola no Fandango Caiçara; dos mentirosos, um melhor que o outro; da devoção ao sagrado. Se tiver ouvidos atentos e fiel devoção aos sussurros do passado, pelas ruas de Guaraqueçaba, são estas as histórias que vais ouvir. Ouça! Se não puder, eu conto pra você as histórias do povo do mar.

O AUTOR

José Carlos Muniz é de Guaraqueçaba. Atuou em diversos projetos culturais, inclusive no reconhecimento do Fandango Caiçara como Patrimônio Cultural do Brasil. Escreveu uma série de livros e artigos sobre a cultura caiçara. É licenciado em História (FAFIPAR), especializado em História, Arte e Cultura (UEPG), História e Cultura Indígena e Afrobrasileira (ULBRA), Educação do Campo (FAEL) e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável (UFPR). É professor de ensino básico e superior. Recebeu o Prêmio Jornada Reconhecimento da Trajetória (SEEC-PR, 2020) e o Prêmio de Culturas Populares (MINC/Governo Federal, 2023).

[CONTOS E CRÔNICAS]

Avalie nosso projeto:

